



UMA DEFESA DA REFORMA



**DE CALVINO AO
CARDEAL SADOLETO**



**DE CALVINO AO
CARDEAL SADOLETO**
Uma defesa da Reforma

NOTA INTRODUTÓRIA

O texto a seguir é um clássico; essa carta escrita em resposta aos apelos do cardeal romano Jacques Sadoletto para que a cidade de Genebra voltasse a se submeter ao papado é um documento primário podemos contemplar as justificativas, em primeira mão, das razões que levaram com Calvino, Lutero e tantos outros fossem levantados pelo Senhor para restaurar as verdades escondidas e encobertas por tantos séculos. Você poderá contemplar da pena do próprio Calvino uma clara justificativa dos pilares das doutrinas que foram as bases do reestabelecimento da fé evangélica em sua plena luz, e que conduziram com que muitos fossem iluminados pela luz de Cristo novamente. Nesse ano quando comemoramos os 500 anos da Reforma Protestante, que esse texto seja usado pelo Espírito Santo para edificação de sua igreja e para glória de Deus que é o alvo de todo cristão.

Armando Marcos – editor, abril de 2017

APRESENTAÇÃO

Por John Piper

Em 1538, o cardeal italiano Sadoletto escreveu aos líderes de Genebra tentando reconquistá-los novamente para a Igreja Católica Romana, depois de terem se voltado aos ensinamentos reformados¹. Ele começou sua carta com um longo parágrafo conciliatório sobre a preciosidade da vida eterna, antes de começar com suas acusações contra a Reforma. Calvino escreveu a resposta a Sadoletto em seis dias no outono de 1539. Foi uma das suas primeiras obras, que espalhou seu nome como reformador por toda a Europa. Lutero a leu e disse: "Eis aqui uma obra que possui mãos e pés. Alegro-me em saber que Deus levanta homens como este".

A resposta de Calvino a Sadoletto é importante, pois revela a raiz da disputa de Calvino com Roma, que definiria toda a sua vida. O assunto não inclui, principalmente, os pontos característicos e bem conhecidos da Reforma: justificação, abuso sacerdotal, transubstanciação, oração aos santos e autoridade papal. Todos esses itens serão discutidos. Mas, sob todos estes, o assunto fundamental para João Calvino, desde o começo até o fim da sua vida, era a centralidade, a supremacia e a majestade da glória de Deus.²

¹ A carta está como anexo após o texto de Calvino

² FONTE: <http://www.josemarbessa.com/2010/10/calvino-e-o-zelo-de-expor-gloria-de.html>

CARTA RESPOSTA DO REFORMADOR JOÃO CALVINO AO CARDEAL JACQUES SADOLETO

INTRODUÇÃO

Posto que por tua excelente doutrina e graça no falar tens merecido (e com toda a justiça) ser objeto de grande admiração e estima entre os sábios de nosso tempo, e principalmente dos verdadeiros aficionados às boas letras, seria grande desprazer ver-me obrigado, por esta réplica e queixa (que agora poderás ler), a tocar publicamente, sem ferir-te, neste teu bom nome e reputação. O que jamais teria feito se não tivesse sido pressionado e obrigado a entrar neste combate, por uma grande necessidade. Porque não ignoro que seria grande maldade provocar injustamente, por cobiça ou simplesmente por inveja, a quem em seu tempo tem cumprido tão bem seu dever com as boas letras e disciplinas; e sobretudo, quão odioso seria se os sábios concluíssem que somente por enfado e desgosto, sem ter outra justa razão, tivesse dirigido minha pena contra aquele a quem (não sem razão) se estima, por suas qualidades e virtudes, digno de amor, louvor e apreço. Por outro lado, espero que depois de haver exposto o motivo e a razão desta empresa, não somente esteja isento e seja absolvido de todo o crime, como também, a meu ver, não haja ninguém que possa julgar que a causa por mim patrocinada pudesse ficar sem defesa, sem incorrer em grande covardia e desprezo ao meu ministério. Não faz muito tempo, enviaste cartas ao consistório e povo de Genebra, pelas quais pretendias provar seus corações, averiguar se queriam submeter-se ao poderio e tirania do Papa, de quem têm se apartado e libertado de uma vez para sempre. E porque não convinha mostrar-te áspero com aqueles de cujo favor necessitavas para defender tua causa, por isso empregou com eles as artes de um bom orador. Pois desde o começo tens procurado bajulá-los e adulá-los com doces palavras, crendo atraí-los à tua opinião e imputando toda a maldade e vileza àqueles por meio dos quais se viram livres dessa tirania.

E eis que, impetuosamente e à rédea solta, na sombra do Evangelho, tu te arremessas com astúcias e enganos, contra aqueles (segundo tuas palavras) que nesta pobre cidade têm mergulhado em tantas turbações, com respeito à Igreja (da que te compadeces) e, no tocante à religião, em tão grande desordem. No que me diz respeito, Sadoletto, quero que saibas que sou um daqueles contra os quais falas

com tão grande cólera e furor. E ainda que a verdadeira religião, antes de eu ter sido chamado a ela, já tenha sido erigida e estabelecida, e a forma de sua Igreja corrigida – posto que não somente a apoiei com minha palavra e opinião, senão que também me esforcei, quanto me tem sido possível, em conservar tudo o que foi antes estabelecido por Farel e Viret – apesar disso não posso, honestamente, ser excluído nem separado deles nesta causa.

Se tivesses feito referência a mim pessoalmente, sem dúvida alguma teria, facilmente, perdoado tudo, em atenção ao teu saber e em honra às letras; porém, ao ver meu ministério (que está fundado e confirmado pela vocação do Senhor) ferido e lastimado pelas chagas que me atribuis, não seria paciência, mas deslealdade, dissimular neste ponto, guardando silêncio.

CALVINO E A IGREJA DE GENEBRA

Em primeiro lugar e como primeiro cargo, exerci na Igreja de Genebra o ofício de leitor e depois de ministro e pastor. No que diz respeito ao segundo cargo, mantenho, por direito próprio, que o exerci legitimamente e com sincera vocação. Agora, com que diligência e total entrega o administrei, não é necessário demonstrá-lo com grandes discursos. Não pretendo atribuir-me nenhuma sutil inteligência, erudição, prudência ou destreza, nem sequer diligência. Porém eu sei, apesar disso, com certeza diante de Cristo, meu Juiz, e todos os seus anjos, que caminhei nessa Igreja com a pureza e sinceridade que convinha à obra do Senhor, do qual os fieis dão amplo e excelente testemunho. Assim, pois, uma vez que se reconheça que meu ministério vem de Deus (como certamente aparecerá com claridade no transcurso desta matéria), haverá alguém, pergunto, que não julgue meu silêncio fingido e dissimulado e não me acuse de prevaricação, sim, por calar-me diante da injúria e difamação? Todos, pois, compreendem que me vejo obrigado por imperiosa necessidade e que, além disso, não tenho outra saída senão opor-me e refutar tuas reprovações e acusações, se é que não quero, traiçoeiramente, escapar da tarefa que o Senhor colocou em minhas mãos. O fato de não ter em minhas mãos, neste momento, a administração da Igreja de Genebra, não pode e não deve impedir-me de professar o meu paternal amor e caridade àquela, digo, na qual havendo Deus me ordenado uma vez, me obrigou a guardar-lhe sempre a fidelidade e lealdade.

Vendo, pois, as redes que se estendiam contra aquela cujo cuidado e solicitude quer o Senhor que eu tome sobre mim, conhecendo também os grandes e enormes perigos e riscos nos quais, por não prover com diligência e meios apropriados, podia cair rapidamente, quem se atreveria a aconselhar-me a esperar com segurança e paciência o fim de tais perigos? Que ridículo seria permanecer como estúpido e atônito, sem prevenir a ruína daquela que, para sua proteção, é necessário vigiar dia e noite. Porém, vejo que seria supérfluo empregar neste ponto um discurso maior, quando tu mesmo me livras de tal dificuldade. Pois se a vizinhança de que falas (que, aliás, não é tão grande) exerceu sobre ti tanta força, que para mostrar a amizade que professas aos habitantes de Genebra não temeste atacar com tanta atrocidade e furor a minha pessoa e meu bom nome, a mim me será permitido, por direito humano, querendo prover o bem público da cidade que tenho por meu encargo e por maior título que o de vizinhança, impedir teus propósitos e esforços, que sem dúvida, pretendem sua total ruína e destruição. Mas, ainda que não tivesse nada a ver com a Igreja de Genebra (da que

certamente não posso desviar meu espírito, nem amar e estimar menos que a minha própria alma), ou ainda supondo que não tivesse por ela nenhum afeto, enquanto o meu próprio ministério tem sido injuriado e difamado falsamente (o qual por haver conhecido que vem de Cristo, devo defendê-lo, se necessário, com meu próprio sangue), como me seria possível aguentar, dissimulando tais coisas? Por isso, não somente os leitores benevolentes podem julgar facilmente, como também tu, Sadoleto, tu mesmo podes considerar e pensar que por várias e justas razões vi-me obrigado a tomar parte neste combate (se é que se pode chamar de combate à simples e moderada defesa de minha inocência); também, não posso sustentar meu direito sem nele introduzir os meus companheiros, com aqueles que a razão da minha administração permaneceu tão inseparável, que com o maior gosto tomaria sobre mim tudo o que se queira dizer contra eles. Apesar disso, procurarei com todas as minhas forças, mostrar respeito a ti ao expor e desenvolver esta causa, e manter o mesmo afeto que tive ao começa-la. Pois farei que todos compreendam não somente que te vantagem muito em boa e justa causa, em reta consciência, em pureza de coração, na lisura das frases, na boa fé, senão que também sou um pouco mais constante em guardar certa modéstia, doçura e suavidade. Verdade é que às vezes encontrarás coisas pungentes, que possivelmente rasgarão teu coração; apesar disso, me esforçarei para que de mim não saia nenhuma palavra forte, nem dura, a não ser que a iniquidade de tua acusação (com a que em primeiro lugar fui atacado), ou a necessidade da causa, obriguem-me a isso. De qualquer maneira, procurarei fazer com que esta dureza e aspereza não cheguem a uma intemperança insuportável, a fim de que os espíritos sensíveis não se ofendam de maneira nenhuma, ao ver tais injúrias inoportunas.

AS INTENÇÕES DE SADOLETO

Ora, tenho por certo que qualquer pessoa começaria sua defesa pelo argumento a que me propus omitir; pois sem grande dificuldade, este poderia evidenciar, tão claramente, as tuas intenções ao escrever, e todos veriam que, em teu escrito, buscaste qualquer fim, menos o que pretendias ou intentavas. Porque, primeiramente, tu mesmo não tens fé em tua integridade; fazes-te extremamente suspeito, uma vez que sendo estrangeiro e não tendo, por aqui, nenhum conhecimento ou amizade com o povo, agora, de pronto, dizes professar-lhes um singular amor, ainda que deste amor jamais tenha saído algum fruto ou coisa parecida. Tu, que fizeste toda a tua aprendizagem, quase desde a infância, nas instituições romanas, as quais se aprendem agora na corte de Roma, nessa loja de toda finura e astúcia, que tens sido criado nos braços do Papa Clemente, com a ajuda de quem foste feito Cardeal, certamente tens muitas manchas que te fazem suspeito praticamente a todos neste lugar. E quanto a esses meios e insinuações sutis, com os quais crês que podes prevenir e surpreender os espíritos da gente humilde, qualquer homem que não seja totalmente tolo poderia refutá-los com facilidade. Entretanto, não poderia imputar-te o que seria, entre outras coisas, mais digno de crédito, já que isso não pertence, naturalmente, ao homem instruído nas boas letras e ciências liberais. Procederei, pois, contigo, como se tivesses escrito ao povo de Genebra com bom zelo, como convém a um homem cheio de grande doutrina, prudência e seriedade, dando-lhes a entender, com boa fé, o que te parecia condizente com sua salvação e prosperidade. Mas, qualquer que tenha sido a tua intenção, e porque destróis e te esforças em manchar e difamar ao extremo, com ultrajes e injúrias, o que o Senhor lhes tem ensinado com nosso auxílio, me vejo obrigado, queiras ou não, a contradizer-te nisso abertamente. Pois, certamente, o ofício dos pastores na Igreja consiste não somente em levar as almas dóceis dos fieis diretamente a Cristo, como também estar bem preparados para rechaçar as maquinações daqueles que se esforçam em impedir a obra do Senhor.

Agora, ainda que tua carta esteja cheia de propósitos ambíguos e rodeios, o centro e ponto principal está em que tu apoias os teus argumentos na autoridade do Papa, que é o que chamas voltar à fé e obediência da Igreja. Porém, como em causa pouco favorável se requer suavizar a reação dos ouvintes, tu apresentas, por meio de um largo prefácio e discurso, o bem incomparável da vida eterna; depois, entrando mais na matéria, demonstras que não há peste mais perigosa para a alma que a falsa religião e, seguramente, diz que a

verdadeira regra para servir a Deus é a que foi instituída por vossa Igreja; do que concluis que esta foi por vós criada e que estão totalmente perdidos todos os que rasgaram a sua unidade, se não se arrependem e se converterem. E, depois, pretendes que o abandono da Igreja é manifestado por parte deles, pelo fato de terem se distanciado e separado de vossa companhia, sobretudo por terem recebido de nós o Evangelho, e que tudo isso não é mais que uma grande mistura de perversas instituições e falsas doutrinas; e por isso, subsidiariamente, concluis que o juízo de Deus os espera, se não fizerem caso de teus avisos.

DESQUALIFICAÇÃO DOS REFORMADORES

Agora, apesar de que destituir nossas palavras de credibilidade serviria grandemente à tua causa, tua verdadeira intenção foi fazer suspeito o zelo por sua salvação que eles têm visto em nós. E assim nos reprovos, injustamente, (porque sabes bem que é o contrário) não termos pretendido outro fim que o de satisfazer nossa ambição e avaréza. Por esse motivo e com maliciosas insinuações, nos quiseste imputar esse mau procedimento, turbando o espírito dos leitores, para neles infundir ódio contra nós, a fim de que não dessem crédito às nossas palavras.

Antes de tratar de outros pontos, responderei brevemente tua objeção. Tenha por certo que não falo de mim por gosto; por outro lado, uma vez que não posso, em absoluto, calar-me, falarei de mim com a maior modéstia possível.

Assim, pois, no que me diz respeito, se somente tivesse pretendido o meu próprio proveito, jamais me teria separado de vosso partido. E, apesar disso, não me vangloriarei por ter tido nele os meios para conseguir honras, que jamais desejei, nem às que nunca meu coração pôde dedicar-se (apesar de ter visto vários de meus companheiros conseguir, com certa dignidade, honras às que podia em parte aspirar e em parte desprezar); basta-me dizer somente que me era lícito conseguir o que mais havia desejado, ou seja, dedicar-me ao estudo com alguma honesta e livre condição. Pelo que jamais temerei que alguém me possa reprovar (somente um desavergonhado faria isso) ter pretendido ou solicitado alguma coisa fora do reino do Papa, que neste não me tivesse sido oferecido. Porém, quem se atreverá a imputar a Farel semelhantes coisas? Se o tivessem obrigado a viver de seu trabalho e saber, o bem que já fez às letras nunca o teria deixado incapaz; mesmo porque, procedendo de tão nobre casa, não tinha necessidade de ajuda alguma. No que diz respeito a nós dois, posto que nos apontas com os dedos, quis responder-te nominalmente. E quanto a que, segundo parece, difames e te irrites desrespeitosamente contra quantos, hoje em dia, sustentam nossa mesma causa, quero que compreendas perfeitamente que não achará ninguém por quem eu não responda, como fiz por Farel e por mim mesmo. A muitos de nós tu conheces apenas de ouvir falar; com respeito a estes, apelo à tua consciência: crês que a fome os tenha obrigado a apartar-se de vós, e que, por não poderem conseguir riquezas, viram-se obrigados a esta nova conversão, como se tivessem ido à bancarrota, ou como perdão total de antigas dívidas? Para não me estender prolixamente, recitando um largo catálogo, atrevo-me a

assegurar-te que de todos quantos têm sido motivo e centro deste assunto, nem um só deixaria de ser recebido entre vós tão bem e tão honrosamente, que necessitasse preocupar-se com um novo gênero de vida. Por conseguinte, isto é pelo que agora nos julgas: as honras e os poderes que temos conseguido. Certamente, todos quantos nos têm ouvido são testemunhas de que não temos desejado ou procurado ter outras riquezas, nem dignidades, das que nos caíram em sorte. Dado que, em todos os nossos ditos e feitos não tiveram suspeita alguma da ambição que nos atribuis, e não tenham visto indícios manifestos de que tivéssemos por eles horror e desprezo, pensas que com tua simples palavra vais conquistar seus entendimentos, de sorte que deem crédito à tua vã acusação, mais do que a tantos e verdadeiros ensinos que de nós receberam? Mas nos apoiemos em fatos em vez de palavras: o poder da espada e outros poderes civis, que um punhado de sacerdotes e bispos tinha arrebatado fraudulentamente dos magistrados, com o pretexto de imunidade e franquia, por acaso não fizemos com que de novo voltassem às devidas mãos? Não temos detestado e nos esforçado em abolir todos os meios de condenação e de ambição que tinham usurpado? Se tivéssemos tido a esperança de reter essas coisas, com que finura não as teríamos dissimulado, a fim de que tais coisas nos tivessem sido devolvidas com a administração e governo da Igreja! Porém, por que empreendemos, com grandes esforços, a destruição desse reino e poderio, ou melhor dizendo, essa tirania que exerciam sobre as almas, contrária à Palavra de Deus? Como não nos dávamos conta do muito que tínhamos perdido?

No que se refere às riquezas eclesiásticas, a maior parte das mesmas são devoradas por estes abismos. Se, pois, esperamos que vos sejam arrebatadas de uma vez para sempre (como certamente será necessário), como é que não buscamos os meios para nos apoderarmos delas? Porém, dado que pronunciamos publicamente que o vigilante ou bispo é um ladrão que emprega bens da Igreja para o seu uso, mais do que necessita para viver sobriamente e conforme sua condição; dado que também temos testemunhado que a igreja foi envenenada com pernicioso veneno ao cobrirem-se os pastores de riquezas, pelas quais, finalmente, se tornaram cegos; que ensinamos não ser conveniente que delas façam uso em abundância, e que, finalmente, aconselhamos que se desse aos ministros o que lhes era necessário, segundo o seu estado, mas não para que abundassem naquilo que é supérfluo, e que o restante fosse distribuído entre os pobres, como se fazia na Igreja primitiva, havendo, em fim, demonstrado que era necessário eleger pessoas sérias e de autoridade que assumissem seu cargo e administração, com a condição de prestar contas todos os anos à Igreja e ao magistrado – tudo isso significa que

buscávamos ou procurávamos aproveitar desses bens, quando mais ainda nos separávamos, voluntariamente, deles? Tudo isso demonstra suficientemente não o que somos, mas o que queríamos ser. Se, pois, tudo o que disse é tão claro e manifesto para todos, que ninguém poderá negar nem o menor detalhe, poderás tachar-nos de cobiçosos de riqueza e poder, inclusive diante daqueles que não ignoram essas coisas? E quanto às grandes e enormes mentiras que gente da tua espécie semeia diariamente em seus países, não estranhamos de modo algum que não haja ninguém que saiba disso e se atreva a contradizê-los. Porém, querer persuadir do contrário aqueles que viram e ouviram o que antes expus, não é obra de um homem sábio, o que é mais desonroso para Sadoleto, um homem tão estimado por sua doutrina, prudência e circunspecção. E se te parece que nosso afeto deve ser medido pelo efeito que produz, todos verão que procuramos tão somente multiplicar e acrescentar com nossa pequenez e humildade o Reino de Deus e que tão distantes estamos de ter desejado dominar e abusar do Seu santo e sagrado Nome.

Passo por alto e me calo sobre muitas outras injúrias que, com boca cheia, como se diz, vomitas sobre nós. Tu nos chamas de homens prevenidos, inimigos da união e da paz cristã, reformadores de coisas há muito tempo bem estabelecidas, sediciosos, homens que contagiam, com peste, as consciências, inimigos, tanto em público como na privacidade, daquilo que convém ao homem. Se querias evitar reprovações, não devias atribuir-nos linguagem alta e profunda, para fazer-nos odiosos aos olhos de todos, ou precisavas distanciar-se um pouco dessa grandiloquência. Por outro lado, não quero deter-me em todos os teus propósitos, mas gostaria que pensasses em teu interior, tão pouco conveniente e até mesquinho, seria acusar com extensas injúrias (as quais com uma só palavra se podem refutar) aqueles que de modo algum as mereciam, nem as esperavam de ti. Quão pouca coisa é injuriar assim os homens, comparada à indignidade de tão grande ultraje feito por ti a Jesus Cristo e Sua Palavra, quando mais adiante entras na matéria!

A GLÓRIA DE DEUS ANTES DE TUDO

Tu chamas de “abandonar a verdade de Deus” ao fato de os de Genebra terem-se apartado, instruídos por nossa pregação, do lodo de erros em que tinham sido mergulhados e quase afogados, e ao fato de terem voltado à pura doutrina do Evangelho. E também disseste que é uma verdadeira separação da Igreja terem-se apartado da sujeição e tirania papal, para dispor entre eles de uma melhor forma de Igreja. Examinemos, pois, agora, estes dois pontos.

No que concerne ao teu preâmbulo, que enche quase um terço de tua carta, pregando a excelência da felicidade eterna, não é necessário que me estenda muito na resposta. Pois ainda que a vida eterna seja digna de fazer parte de nossas considerações dia e noite, e devamos nela meditar continuamente, não consigo entender, entretanto, por que te detiveste tanto nisso, senão para que te tenham em maior estima e consideração, sob o pretexto e aparência de religião; ou, talvez, pensando distanciar de ti toda má suspeita, quis fazer com que vissem que todo o seu pensamento versava sobre a vida de bem-aventurança com Deus; ou, ainda, tenhas julgado que aqueles a quem escrevias seriam, por tua grande exortação, atraídos e comovidos de modo melhor (ainda que eu não queira adivinhar tua intenção); entretanto, não creio seja próprio de um autêntico teólogo procurar que o homem volte-se para si mesmo, em vez de mostrar-lhe e ensina-lo que o começo da boa reforma em sua vida consiste em enfatizar a glória do Senhor, já que nascemos, principalmente, para Deus e não para nós mesmos. Pois, assim como todas as coisas são Suas e nEle subsistem, assim também (como disse o Apóstolo) devem referir-se, totalmente, a Ele. Como também disse que o Senhor, para fazer a Glória de Seu Nome mais desejável aos homens, lhes ajustou de tal maneira o desejo de exalta-lo, que uniu esse desejo, perpetuamente, à nossa salvação. Porém, uma vez que Ele nos ensinou que este afeto deve dominar todo o nosso interesse e cobiça de bens, como também o proveito que deles nos poderiam vir, e que também a lei natural nos incita a estima-Lo acima de todas as coisas (pelo menos se queremos render-Lhe a honra que Lhe é devida), certamente o dever do cristão consiste em elevar-se acima da simples busca e realização da salvação de sua alma. Para tanto, não haverá ninguém bem instruído e experimentado na religião cristã, que não julgue essa tão imensa e curiosa exortação para estudar a vida celestial, como coisa de mau gosto e sem nenhum sabor, que detém o homem só, sem eleva-lo, nem por uma única palavra, à santificação do Nome de Deus. Depois dessa santificação, então te concederei, de bom grado, que durante toda a nossa vida não devemos buscar outro

fim, nem ter outro propósito além de conseguir esta suprema vocação, pois este é o fim principal, proposto por Deus, em todos os nossos atos, palavras e pensamentos. E não há, na verdade, coisa alguma que faça o homem superior aos animais como a comunicação espiritual com Deus, com a esperança dessa felicidade eterna. Inclusive, em todas as nossas pregações, quase não pretendemos outra coisa além de educar e comover o coração de cada ouvinte com a meditação sobre essa felicidade eterna. Posso conceder-te, de bom grado, que todo o dano que possa acontecer a nossa salvação não vem de outra parte, senão do serviço de Deus pervertido e executado indevidamente. E, por certo, estas são, entre nós, as primeiras instruções que costumamos ensinar, quando tratamos da verdadeira piedade e religião, àqueles que desejamos conquistar como discípulos de Jesus Cristo, a saber: que se guardem bem de caluniar loucamente e a seu bel prazer, qualquer nova forma de honrar a Deus, porém que saibam que só é legítimo aquele serviço que desde o começo Lhe foi agradável. E, sobretudo, afirmamos o que está aprovado pelo santo oráculo de Deus: que mais vale obedecer, que sacrificar. Finalmente, os induzimos o quanto podemos, a que abandonem todos os serviços e formas de falsas superstições, contentando-se com uma só regra e mandamento de Deus, conforme o que está revelado em sua Santa Palavra.

QUAL É A VERDADEIRA IGREJA?

Graças a isso, Sadoleto, tu mesmo assentaste o fundamento da minha defesa ao confessar e aprovar voluntariamente esses pontos. Pois, se admites que é um dano terrível para a alma converter em mentiras, com maliciosas opiniões, a verdade de Deus, resta por saber qual dos dois partidos observa e guarda esta honra, única e verdadeira, e a legítima reverência devida a Deus. De tua parte dizes que a regra mais correta é aquela que a Igreja recomenda, enquanto pões em julgamento essa sentença, como se quiséssemos ataca-la como se faz com coisas duvidosas. Por certo, Sadoleto, que vendo que te atormentas em vão, não posso deixar de reanimar-te e aliviar-te de tão grande desgosto. Pois, falsamente, em teu coração queres convencer-te de que pretendemos apartar o povo fiel da verdadeira adoração, observada sempre pela Igreja Católica. Ou te equivocas ao dizer “Igreja”, ou queres enganar-nos insidiosamente com rodeios; neste último ponto fostes pego; Também pode ser que te enganes em outros pontos, pois em primeiro lugar, na definição de Igreja omites o que te podia ajudar muito para o correto entendimento dessa palavra, quando dizes que é a que, tanto nos séculos passados como atualmente e por toda a terra, esteve sempre unida, em um mesmo Espírito, com Cristo, por quem é dirigida e governada. Onde está aqui a Palavra de Deus, este sinal tão claro que tantas vezes foi recomendado pelo Senhor na designação da verdadeira Igreja? Pois, prevendo o quanto seria perigoso vangloriar-se no Espírito sem a Palavra, afirmou que a Igreja é governada e dirigida pelo Espírito. Porém, com o fim de que tal direção fosse certa, estável e irremovível, a uniu à Sua Palavra. Eis o que o Senhor apregoa: que são de Deus os que ouvem a Palavra de Deus e que são Suas ovelhas aqueles que reconhecem Sua voz como a de seu pastor, rechaçando como estranha qualquer outra voz. Por essa razão disse o Espírito pela boca do apóstolo São Paulo, que a Igreja está fundada sobre o fundamento dos Apóstolos e Profetas. E, também, que foi santificada pelo batismo com água pela Palavra de vida. E com muito maior clareza disse São Pedro, quando nos ensina que Deus regenera o seu povo por esta incorruptível semente. E, para ser breve, por que se denomina tantas vezes Reino de Deus à pregação do Evangelho, senão porque é o cetro pelo qual o Rei Celestial governa e dirige o seu povo? Isso não encontrarás somente nos escritos dos Apóstolos, mas quantas vezes os profetas tenham previsto a instauração e propagação da Igreja pelo mundo inteiro, tantas vezes afirmaram e concederam sempre o primeiro lugar à Palavra, pois dizem: águas vivas sairão de Jerusalém, as quais, divididas em quatro rios, regarão toda a terra. E eles mesmos declaram quais são essas águas, quando dizem que a Lei

sairá de Sião e a Palavra do Senhor, de Jerusalém. Bem fez Crisóstomo em aconselhar que rechaçassemos todos os que, tendo por pretexto o Espírito, quisessem apartar-nos da simples doutrina evangélica, uma vez que não se prometeu o Espírito para suscitar novas doutrinas, mas para gravar nos corações dos homens a verdade do Evangelho. E hoje sabemos, por experiência, o quanto esta admoestação é necessária. Nós disputamos com duas seitas, que parecem ser muito diferentes. Pois em que concordam o Papa e os Anabatistas? Por outro lado (para que vejas que Satanás nunca está tão escondido que não possa aparecer de algum lado) os dois se utilizam do mesmo instrumento para nos oprimir. Pois quando se vangloriam do Espírito com tanta arrogância, não pretendem outra coisa senão oprimir e sepultar a Palavra de Deus com suas mentiras. E tu, Sadoleto, tropeçando no primeiro passo sob o umbral, foste castigado pela injúria que fizeste ao Espírito Santo, separando-o da Palavra. Pois te viste obrigado (como se os que buscam o caminho de Deus se achassem numa encruzilhada ou privados de um alvo seguro) a suscitar-lhes dúvida quanto ao que é mais conveniente: seguir a autoridade da Igreja, ou escutar aos que tu chamas de inventores de novas doutrinas.

Se soubesses, ou não tivesses dissimulado que o Espírito ilumina a Igreja para abrir o seu entendimento à Palavra e que esta é como o crisol onde se prova o ouro, para discernir por meio dela todas as doutrinas, terias enfrentado tão complexa e angustiosa dificuldade? Aprenda, pois, com teu próprio erro, que é tão insuportável vangloriar-se do Espírito sem a Palavra, como é desagradável preferir a Palavra sem o Espírito.

DEFINIÇÃO DE IGREJA

Se, pois, queres agora suportar e receber uma definição de Igreja mais verdadeira que a tua, diga, doravante, que é a assembleia de todos os santos, a qual, espalhada por todo o mundo e em todo o tempo, está dispersa, porém unida por uma só doutrina de Cristo e que por Seu único Espírito, guarda e observa a união da fé, conservando a concórdia e amor fraterno. Ainda proclamamos que, dela, não nos separa diferença alguma; antes, ao contrário, do mesmo modo que a reverenciamos como mãe, assim desejamos permanecer sempre em seus braços. Porém, ao chegar aqui, me repreendes, esforçando-te em demonstrar que tudo o que tem sido recebido e aprovado pelo consentimento dos fieis há mais mil e quinhentos anos, tem sido arrancado e anulado pela nossa desordem. Neste ponto não quero pedir-te que caminhes conosco de boa-fé (coisa que um filósofo faria de bom grado, não um cristão), porém te peço que não chegues a permitir-te caluniar-nos vilmente, coisa que (ainda que não nos calemos) ofenderia tua reputação e estima entre os homens sérios e decentes. Sabes muito bem, Sadoleto, e se negares farei que todos vejam que dissimulas maliciosamente, sabes muito bem que estamos mais de acordo com a antiguidade que vós outros; e além disso, não pedimos outra coisa, senão que esta antiga face da Igreja seja restaurada e renovada por inteiro, a qual, deformada e manchada por gentes indoutas, tem sido destruída covardemente e quase destruída pelo Papa e seu bando.

Agora, não quero constranger-te tanto, nem te pressionar a ponto de parecer que quero renova-la, reforma-la e trazê-la ao estado da Igreja primeiramente constituída pelos apóstolos (que é, entretanto, um exemplo singular da verdadeira Igreja, exemplo que necessitamos seguir, se não queremos equivocar-nos e errar grandemente). Peço-te que consideres e ponhas diante dos teus olhos, o antigo estado da Igreja que existia entre os gregos, na época de Crisóstomo e Basílio, e entre os latinos, na época de Cipriano, Ambrósio e Agostinho, como podemos ver através de seus escritos; e depois contemples as ruínas que se tornaram: encontrarás, com toda a certeza, a mesma diferença, escrita pelos profetas, que existia entre a excelente Igreja que florescia sob Davi e Salomão e a que, mergulhada em toda a sorte de superstições, sob Zedequias e Joaquim, se havia corrompido totalmente em sua pureza no serviço de Deus. Dirás, pois, agora, que é inimigo da antiguidade, aquele que por zelo da santidade e piedade antigas, descontente com a presente corrupção, procura melhorar em tudo e restituir a seu primitivo resplendor o que foi pervertido e dissipado na Igreja?

OS FUNDAMENTOS DA IGREJA

E posto que a santidade e firmeza da Igreja consistam, principalmente, nestas três coisas: doutrina, disciplina e sacramentos, vindo em quarto lugar as cerimônias para exercitar o povo no dever da piedade, por qual das quatro queres que a julgemos, com o fim de salvar vossa igreja e conservar-lhe a honra?

Em primeiro lugar, a doutrina dos profetas e a verdade evangélica, sobre a qual é necessário que a Igreja esteja fundamentada, não somente se tornou, em sua maior parte, extinta entre vós, como também, sem trégua, foi expulsa e perseguida a sangue e fogo. E te atreverás a sustentar que é igreja aquela em que todas as instituições de nossa fé, estabelecidas pela Palavra de Deus, consignadas nos livros dos santos Pais e, inclusive, aprovadas pelos Concílios antigos, têm sido rechaçadas e perseguidas furiosamente? Diga-me, onde estão as pegadas e os indícios da ordem, tão santa e verdadeira, que os ministros e bispos antigos observavam na Igreja? Não as tendes esvaziado de todas as suas constituições? Não tendes pisoteado todos os seus cânones e decretos? E quanto aos sacramentos, não posso menos que horrorizar-me em pensar como os tendes profanado vilmente. No que diz respeito às cerimônias as tendes demais, certamente. Porém, dado que com muitíssima frequência seus significados são torcidos, ridicularizados e também corrompidos por mil superstições, que proveito podem trazer à Igreja?

Como vê, em todo este assunto, não tenho aumentado um mínimo para poder-te assim acusar; pois todas essas coisas são tão notórias e manifestas que até se pode aponta-las com o dedo, se houvesse olhos para ver. Agora, se te agrada, busca em nós, com toda a diligência e de acordo com esta regra, e sem dúvida nenhuma não poderás convencer-nos dos crimes de que nos tens acusado. E quanto aos sacramentos, em nada os tocamos, a não ser para restituí-los à simples pureza da qual tinham sido privados, e devolver-lhes sua antiga honra e dignidade. Com respeito às cerimônias, as abolimos em sua maior parte; mas nos vimos obrigados a fazê-lo, em parte, porque pareciam, por seu grande número, degenerar em judaísmo; e em parte, porque haviam ocupado o entendimento do povo simples, e de tal maneira o havia enchido de superstições, que não podiam subsistir de modo algum, sem danar a piedade, quando, pelo contrário, deviam fazê-la progredir. Por outro lado, mantivemos as que, em tempo e lugar, nos pareciam suficientes. Reconhecemos de bom grado, que não chegamos, todavia, à disciplina observada pela

Igreja primitiva. Porém, que direito e razão existe para que nos acusem de havê-la pervertido, aqueles que precisamente a aboliram, e que enquanto desejam restituí-la ao seu primeiro estado, até agora viram-na sendo feita só por nós? No que tange à doutrina, não temo apelar e fazer total referência à Igreja primitiva. E uma vez que, como exemplo, tocas-te em alguns pontos, nos que te pareceu dar ocasião de difamar-nos, demonstrarei, brevemente, que nos acusas injusta e falsamente de haver inventado tudo aquilo que vai de encontro à autoridade da Igreja. E já que vou fundamentar alguns pontos, quero advertir-te que penses mais de uma vez, por que razão repreendes os nossos por haver dedicado seu estudo à explicação da Escritura? Pois sabes perfeitamente que com suas vigílias e o fruto de seus estudos, têm dado tão claro entendimento à Palavra de Deus que a inveja se envergonharia, se por isso não lhes tributasse grande louvor. E a mesma bondade e hombridade demonstras quando dizes que o povo foi, por nós, seduzido em questões difíceis e sutis, e enganado por esta filosofia, da qual, recomenda São Paulo, que os cristãos se guardem. Mas, como? Não te lembras quando começaram, nossas gentes, a mostrar-se em público? Que doutrina aprendiam nas escolas os que pretendiam conseguir a administração na Igreja? Sabes muito bem que não era mais que puro sofisma, ou seja, tão retorcida que poderíamos chamar a teologia escolástica de uma espécie de magia secreta em que quanto mais alguém a obscurecia com espessas trevas, mais impedia, a si mesmo e aos demais, sua compreensão, com dificuldades e sentenças obscuras, tanto mais engenhoso e sutil era considerado em sua doutrina. E quanto àqueles que haviam sido formados nessa tenda e queriam mostrar ao povo o fruto do seu saber, diga-me, com que engenhosidade edificavam a Igreja? Porém, para não esmiuçar ponto por ponto, que sermões havia, entre os que pregavam por toda a Europa, que fossem modelo da simplicidade que São Paulo requer que permaneça entre o povo cristão por toda a sua vida? Onde encontrar um só sermão em que cabeças velhas não tenham ensinado contos e fantasias que haviam contado, durante um mês, junto ao fogo de suas lareiras? Pois suas pregações estavam divididas de tal forma, que a primeira parte a dedicavam a questões escolásticas, obscuras e difíceis, para granjear a admiração do povo simples e pobre; e a segunda, a enchiam com alegres fábulas e especulações divertidas para excitar e comover alegremente o coração. Depois entremeavam alguns versículos da Palavra de Deus, a fim de que sua glória desse certa cor a seus sonhos e fantasias. Porém, desde o momento em que os nossos levantaram sua bandeira, em um instante todas essas trevas foram, entre nós, iluminadas. Agora, ainda que vossos pregadores tenham sido, em parte, instruídos pelos livros daqueles, e em parte obrigados, por vergonha e pela

murmuração do povo, a seguir seu exemplo, entretanto não se tem conseguido que deixem de sentir-se atraídos fortemente por essa tolice e necidade. De modo que, se compararmos nossa maneira de pregar com a vossa, inclusive com a que considerais entre vós a melhor, facilmente se reconhecerá que nos fizeste uma grave injúria. E se quisesse continuar citando as palavras de São Paulo, nem sequer uma pequena criança teria deixado de reconhecer que o crime que nos jogas na cara deve ser imputado não a nós, mas a vós outros. Pois o Apóstolo diz que é vã a filosofia que atrai a consciência dos fieis por meio de constituições de homens e elementos deste mundo, com as quais tendes corrompido e arruinado a Igreja.

A JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ

Agora, tu mesmo nos absolves com o teu testemunho, quando entre tantos ensinamentos nossos que te empenhas em esquadriñar, não alegas um sequer, cujo conhecimento não seja, em grande medida, necessário para a edificação da Igreja. Em primeiro lugar, trata da justificação pela fé, que é o ponto mais importante e que tem provocado as controvérsias mais ácidas entre nós. Esta seria uma questão espinhosa e inútil? Pois, tires o teu conhecimento e será extinta a glória de Jesus Cristo, abolida a religião, destruída a Igreja e jogada totalmente por terra a esperança de salvação. Por isso dizemos que este artigo (que sustentamos ser o artigo supremo em nossa religião), foi maliciosamente apagado por vós da memória dos homens, o que está ampla e manifestamente demonstrado e declarado em todos os nossos livros. Mais ainda: a grande ignorância que agora reina em todas as vossas igrejas, testemunha que não nos queixamos sem razão. Além disso, laboras mui maliciosamente dizendo que ao atribuímos tudo à fé não damos lugar, nem levamos em conta as boas obras. Não quero empreender, agora, uma disputa completa, que requereria, por certo, um livro inteiro. Porém, se desses uma olhada no catecismo e na instrução que escrevi para os de Genebra, quando ainda era ministro naquela cidade, na primeira frase, vencido, emudecerias.

Apesar disso, exporei brevemente como tratamos desse assunto: primeiramente mandamos que cada um comece pelo reconhecimento de si mesmo; e não de maneira ligeira, para livrar-se da situação, mas como se apresentasse a sua consciência diante do Tribunal de Deus; e quando estiver bastante condenado por sua própria iniquidade, que considere ao mesmo tempo a severidade do juízo de Deus anunciado contra todos os pecadores. E assim confundido e abatido por sua própria miséria, gemendo ternamente como condenado à morte eterna, se quebrante e se humilhe diante de Deus, deixando de lado toda a confiança em si mesmo. Depois, demonstramos que o único porto de salvação está na misericórdia de Deus, que se nos mostra em Jesus Cristo. Pois só nEle se cumpriu tudo o que pertence à nossa salvação. Uma vez que todos os homens estão condenados como pecadores diante de Deus, dizemos que Cristo é a única justiça; o qual, com sua obediência apagou nossas transgressões; com Seu sacrifício, a ira de Deus foi aplacada; com Seu sangue nos limpou de toda a mancha; com Sua cruz suportou nossa maldição; com Sua morte Ele a satisfez por nós. Dessa maneira dizemos que o homem foi reconciliado com Deus Pai, por Cristo, não pelo mérito ou dignidade de nossas obras, mas pela bondade e

clémência gratuita do Senhor. Ao ato de abraçar a Cristo pela fé e vir à Sua comunhão e participação é o que chamamos, segundo a Escritura, justiça da fé. Encontras aqui algo, Sadoletto, que possas reprovar ou contradizer? Isso significa que não atribuímos nada às obras? Sustentamos, certamente, que no que diz respeito à justificação do homem, elas valem menos que um fio de cabelo, pois a Escritura diz claramente, e em muitas passagens, que estamos todos perdidos; e não há ninguém que neste ponto não se veja atormentado em sua consciência. A mesma Escritura nos aponta, como única esperança, a bondade de Deus, pela qual nossos pecados são perdoados e se nos imputa a justiça, e que ambos são um dom gratuito. E ela declara, finalmente, que o homem é bem-aventurado, sem as obras. Porém, tu perguntas, que outra coisa entendemos por “justiça”, se não se levam em conta as boas obras? Se pensares, detidamente, o que a Escritura entende por “justificar”, não estarias com essa dúvida. Pois não se refere à própria justiça do homem, mas à clémência e bondade de Deus, a qual atribui justiça ao pecador, ainda que este não a tenha, sem imputar-lhe nenhuma injustiça. Nossa justiça, repito, é aquela que São Paulo descreve, a saber: que Deus nos reconcilia com Ele mesmo, em Cristo. Em seguida declara o meio, a saber: não nos imputando os nossos pecados. Finalmente nos faz ver que somos participantes dessa bênção pela fé, quando afirma que o ministério dessa reconciliação está contido no Evangelho. Sim, tu dizes: porém a palavra fé tem um significado muito mais amplo. Pelo contrário: quantas vezes São Paulo atribui à fé a faculdade de justificar, tantas a limita e restringe às promessas gratuitas da benevolência de Deus, desconsiderando totalmente as obras. E por isso conclui tantas vezes: se é pela fé, não é pelas obras; e de novo: se é pelas obras, não é pela fé.

NÃO SE REJEITAM AS BOAS OBRAS

Por isso se faz injúria a Cristo, se sob o pretexto da Sua graça, se rejeitam as boas obras, uma vez que Ele veio para fazer um povo agradável a Deus, zeloso de boas obras. Sobre o que, existem muitos testemunhos semelhantes, pelos quais se demonstra que Cristo veio para que, fazendo o bem, fôssemos por Ele aceitáveis a Deus. Nossos adversários quase não têm outra acusação em suas bocas, senão a de proclamar que temos desviado os homens do desejo de fazer o bem, pela pregação da justiça gratuitamente imputada. Calúnia tão frívola, que nela não há nada que possa nos censurar ou pressionar. Negamos que, para a justificação do homem, as obras tenham algum valor. Mas afirmamos o seu reino na vida dos justos. Porque se aquele que é justificado possui Jesus Cristo, e Cristo jamais está sem Seu Espírito, segue-se, necessariamente, que esta justiça gratuita está sempre unida à regeneração. Por isso, se queres compreender como a fé e as boas obras são coisas inseparáveis, olha para Cristo, que, como disse o Apóstolo, nos foi dado como justiça e santificação. Portanto, onde estiver a justiça da fé – que nós chamamos gratuita – ali está, também, Cristo. E onde Cristo está, o Espírito de santificação está presente para regenerar a alma com nova vida. Ao contrário, onde não existe desejo algum de santidade e inocência, ali nem Cristo, nem Seu Espírito podem estar. E onde Cristo não está, não pode haver justiça e nem mesmo fé, a qual não pode ter Cristo como Justiça, sem o Espírito de santificação. Visto que dizemos que Jesus Cristo regenera aos que justifica, para uma vida de bem-aventurança, depois de tira-los do reino do pecado para levá-los ao reino de Deus, transfigurando-os em imagem de Deus e transformando-os por Seu Espírito, para que obedçam a Sua vontade, não tens nem sombra de motivo para queixar-te de que, com nossa doutrina, damos rédea solta aos desejos da carne; e se todas as alegações que apresentas não querem dizer outra coisa, senão que com elas abusas para destruir a justificação gratuita, veja, então, com que grande ignorância argumentas. São Paulo disse em outra passagem que fomos eleitos em Cristo antes da criação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis na presença de Deus em amor. Quem se atreverá a concluir aqui que a eleição não é gratuita, ou que não é o amor a sua causa? Pelo contrário, assim como o objetivo da eleição gratuita é que vivamos puramente e sem mancha diante de Deus, assim também a justificação gratuita tem essa mesma finalidade. Portanto, mantemos com firmeza e segurança que o homem não apenas foi justificado de uma vez para sempre, sem nenhum mérito de suas obras, senão que sua salvação eterna depende somente dessa justiça gratuita. E que suas obras de maneira alguma

podem ser agradáveis a Deus, se não são aceitas e aprovadas por essa justiça. Pelo que, ao ler teus escritos, fiquei sobremaneira maravilhado, ao ver que dizes que a caridade é a primeira e principal causa de nossa salvação. Quem jamais teria pensado, Sadoleto, ouvirste dizer tal coisa? Até os cegos, em meio às suas trevas, estão mais seguros da misericórdia de Deus, e não ousam atribuir o princípio de sua salvação à caridade. E os que conservam, ainda que somente, um só raio da luz de Deus, sabem perfeitamente que sua salvação não está assegurada por nenhuma outra coisa, senão pelo fato de serem adotados por Deus. Pois a salvação eterna é a herança do Pai Celestial, que só para os seus filhos foi preparada. Haverá alguém que queira vincular à nossa adoção outra causa distinta da que comumente assinala a Escritura? A saber, que o primeiro amor não provem de nós, mas de Deus, que por Seu próprio querer e boa vontade nos recebeu graciosamente? Dessa tua cegueira decorre um outro erro, o de sustentar que os pecados são purgados e apagados com penitências e satisfações. Onde, pois, estará aquela única vítima propiciatória, fora de quem – segundo a Escritura – não existe nenhum outro sacrifício pelos pecados? Busca, criteriosamente, em toda a Escritura; pois se o sangue de Cristo nos é proposto como preço de nossa satisfação e purificação, com que temeridade te atreves transferir esta honra às tuas obras? E não é preciso que atribuas esse sacrilégio à Igreja de Deus. Confesso, claramente, que a Igreja primitiva tinha suas satisfações, porém não as concebiam de modo que os pecadores pensassem em implorar por graça e livrar-se dos seus pecados por meio das mesmas, mas para provar que o arrependimento que mostravam por fora não era uma ficção e para apagar a lembrança do escândalo que haviam dado com suas más ações. E não estavam prescritas para todos, senão somente para aqueles que haviam caído em algum grave e grande pecado e as punham em prática com uma solene observação.

A CEIA DO SENHOR

Quanto ao sacramento da Santa Ceia tu nos repreendes por limitar o Senhor do céu e da terra junto com Seu divino e espiritual poder (que é livre e infinito) nos limites de um corpo natural, que tem suas próprias medidas e proporções. Mas quando deixarás de nos caluniar? Sempre testemunhamos abertamente que não somente o poder divino de Cristo, mas também Sua essência se estende por todos os lugares e não tem limite algum; e tu não tens vergonha de reprovar-nos por termos encerrado a Cristo nos limites de um corpo natural? Por que isso? Porque não quisemos sujeitar Seu corpo a coisas visíveis e terrenas, assim como o fizestes. Certamente não ignoras, se é que queres julgar sinceramente e de acordo com a verdade, o quanto são contrárias estas duas coisas: tirar do pão a presença local de Cristo ou restringir e encerrar o Seu poder espiritual aos limites de um corpo. Entretanto, não devias tachar caluniosamente nossa doutrina de novidade, uma vez que este artigo sempre foi visto na igreja como certo. Porém, posto que esta discussão, por sua magnitude, poderia encher um livro inteiro, seria melhor, para não molestarmos, que lesse a carta de Agostinho a Dardano, na qual encontrarás que unicamente Cristo, pela grandeza e magnitude de Sua divindade, excede céus e terra. Por outro lado, em Sua humanidade não está em todo lugar. A verdadeira comunicação da carne e do sangue de Cristo, que se manifesta aos fiéis na Santa Ceia, nós a pregamos no sentido de que Ele está em nós, e ensinamos abertamente que essa carne é o verdadeiro manjar de vida e esse sangue a verdadeira bebida. E isso não por uma concepção imaginária, na qual a alma não se satisfaz, mas noutra, na qual goza de sua verdadeira virtude. Na Ceia não rejeitamos a presença de Cristo, através da qual a Ele nos unimos e nele somos enxertados; e não a diminuimos a ponto dessa circunscrição local deixar de existir e não mais se perceba nesses simples elementos o glorioso corpo de Cristo; mas que não se finja que o pão tenha sido transubstanciado em corpo de Cristo, para ser, finalmente, adorado como Cristo. Exaltamos, o quanto podemos, a dignidade e o uso desse grande mistério, declarando a utilidade que dele pode nos vir. Todas essas coisas são por vós depreciadas e quase totalmente anuladas. Porque, para vós, basta que o povo, sem nenhum entendimento desse mistério espiritual, admire o sinal visível e material, desprezando a bondade de Deus, que aqui nos é oferecida, e não levando em conta o legítimo uso de tal benefício (no qual, principalmente, era preciso ater-se). Ao ter rechaçado essa tão grosseira e material transubstanciação que vós estabelecestes. Ao ter ensinado que essa tão estúpida adoração (que impedia os espíritos humanos, mantidos presos aos elementos deste

mundo, de vir a Cristo) era perversa e iníqua, não o fizemos sem o consentimento da Igreja primitiva, com a qual querias, de bom grado (ainda que em vão), encobrir as abomináveis superstições que reinam, ainda, entre vós.

OPOSIÇÃO AOS FALSOS DOGMAS

No tocante à confissão auricular, temos rejeitado aquela constituição do Papa Inocêncio, que recomenda a cada um confessar os seus pecados, todos os anos, ao seu padre particular. Seria longo contar como e por que razão a abolimos. Que isto seja uma coisa má, demonstra o fato de que as consciências dos fiéis, livres do seu tormento, tenham já começado a tranquilizar-se e a confiar na bondade e misericórdia de Deus, as quais antes estavam em contínua ansiedade e perturbação. Nada quero dizer das grandes pragas que a Igreja tem sofrido por causa dessa confissão, pelas quais devemos julga-la, com toda justiça, como algo execrável. E quanto ao que agora fazeis a este respeito, basta-te saber que nada há escrito sobre isso nos mandamentos de Cristo, nem na constituição da igreja primitiva. Todas as passagens da Santa Escritura que os sofistas tentam distorcer para provar a confissão, tais distorções temos decididamente suprimido. E as histórias eclesiásticas que hoje temos conhecimento mostram que isso não era novidade daquele tempo, quando tudo era simplesmente observado, como comprova o testemunho dos Pais da Igreja. É, pois, abuso e engano o que tu afirmas, que na confissão, a humildade foi recomendada e estabelecida por Cristo e pela Igreja. Pois, se nisso há certa aparência de humildade, também está muito distante de ser agradável a Deus o rebaixar-se sob a capa de humildade. Por isso São Paulo nos ensina que a verdadeira humildade é aquela que é conforme a pura Palavra de Deus e a ela se ajusta. Quanto à intercessão dos santos, se teu propósito é apenas defender que o seu desejo contínuo é o cumprimento do Reino de Cristo, no qual está incluída a salvação de todos os fiéis, nenhum de nós põe isso em dúvida. Pelo que nada conseguiste ao deter-te tanto neste ponto. Mas, certamente, não querias perder essa gentil colocação, da qual nos acusas como se fosse opinião nossa, que os espíritos morrem com seus corpos. De nossa parte, deixamos essa filosofia a vossos soberanos bispos e ao colégio de cardeais que por muitos anos a têm venerado e, todavia, ainda a veneram. E além do mais, o que em seguida acrescentas é muito próprio da tua maneira de ser, isto é, a acusação de que vivemos voluptuosamente em delícias, sem levar em conta a vida futura, e ainda zombas de nós, pobres homens, que trabalhamos com afinco para o progresso do Reino de Deus. Mas quanto à intercessão dos santos basta falarmos o seguinte: que não há maravilhas, se não as inventam. Pois, para isso, foi necessário descartar inumeráveis superstições, que tinham conseguido tirar totalmente da memória dos homens a intercessão de Cristo, porque se invocavam os santos como se fossem deuses; se lhes atribuía o que era próprio a Deus e não havia

grande diferença entre sua adoração e a idolatria que, justamente, todos detestam e maldizem. No que concerne ao purgatório, sabemos que algumas igrejas antigas faziam referência aos mortos em suas orações, mas essas eram raras, sóbrias e resumidas em poucas palavras; finalmente, essas orações pretendiam apenas testemunhar, brevemente, sua caridade para com os defuntos. Todavia, ainda não haviam nascido os mestres da manobra que forjaram o vosso purgatório, os quais em seguida o ampliaram tanto e o elevaram a tal altura e esplendor que a melhor parte do vosso reino se sustenta e apoia nele. Tu mesmo sabes quantos erros vieram daí. Não ignoras quantas feitiçarias, superstições, tens, voluntariamente, gerado para enganar-te a ti mesmo. Conheces quantos enganos e imposturas a avareza tem forjado neste ponto, para sugar e apropriar-se dos bens do povo simples; vês, perfeitamente, de que peste tem padecido a verdadeira religião. Pois o pior – isso para não dizer nada do serviço de Deus, destruído por ele – está certamente em que, quando os homens, invejando-se uns aos outros, sem nenhum mandamento de Deus, quiseram ajudar os defuntos, desprezaram os verdadeiros ofícios de caridade, que são, no entanto, tão recomendados e requeridos.

A IGREJA MACULADA COM FALSOS DOGMAS

Não posso suportar, Sadoleto, que ao atribuir tais sacrilégios à Igreja, contra todo o direito e razoabilidade, a difames e nos faças odiosos para com pessoas simples, como se nosso propósito fosse fazer guerra contra ela. Porque ainda que confesse que nenhum fundamento de superstição tenha sido extirpado pela Igreja antiga, nenhum ameaçava a pureza do Evangelho; tu sabes muito bem que esses monstros de impiedade (contra os quais, principalmente, batalhamos), não são tão antigos, ou, pelo menos, não tinham alcançado tal nível. E, certamente, para expurgar, quebrar, abolir, arruinar vosso reino, não nos armamos somente da virtude da Palavra de Deus, mas também nos guarnecemos da autoridade dos santos Pais. E para que, de alguma maneira, eu possa arrancar inteiramente de vossas mãos a autoridade da Igreja – do que sempre nos acusas como um escudo de Ajax – te mostrarei, através de alguns exemplos, a que distância estás desta paternal e antiga santidade. Nós vos acusamos de haverdes subvertido o ministério, do qual retendes apenas o nome, porém vazio de conteúdo. Pois, quanto ao cuidado em apascentar o pobre povo, até as crianças veem que vossos bispos e padres não passam de imagens mortas, e qualquer que seja a pessoa, sabe que eles estão somente para pilhar e devorar. Nós não podemos suportar que no lugar da Santa Ceia se introduza um sacrifício que diminua a virtude da morte de Jesus Cristo. Nós gritamos contra a execrável feira de mercadorias que é a missa; e lamentamos que o povo cristão seja quase que totalmente privado da Ceia do Senhor. Nós atacamos veementemente a perversa e iníqua adoração de imagens. Nós provamos que os Sacramentos foram poluídos por diversas opiniões profanas e impuras. Nós ensinamos que as indulgências foram sutilmente introduzidas, trazendo o maior opróbrio à cruz de Cristo. E lamentamos que a liberdade dos cristãos tenha sido oprimida e submergida sob tradições humanas. E por causa disso, nos deram ordens para que as Igrejas que Deus nos comissionou fossem purgadas e lavadas de tais pestes. Agora te lamentas de que tenhamos injuriado a Igreja e ousado violar suas veneráveis constituições. Certamente já é voz comum, e por isso nada ganharias em negá-lo, que em tudo isso a Igreja primitiva está conosco; e que é tão contrária a vós, como nós mesmos somos. Lembro-me agora que dizes, não sei em que parte da tua carta e querendo diminuir sua importância, que se vossa conduta é desordenada, disso não devemos concluir que tenhamos de nos separar da Igreja. Na verdade, dificilmente se poderá conseguir que o afeto do povo para convosco e vosso partido não esfrie, depois de ver tanta crueldade, avareza, roubos, intemperanças, insolências e tantos

exemplos de toda a classe de licenciosidade e maldades, que cometem continuamente as pessoas da vossa espécie. Porém, nenhuma dessas coisas nos levou a tentar o que temos empreendido por uma necessidade ainda maior; necessidade que certamente sentimos ao ver como havia sido obscurecida a verdade divina, sepultada a Palavra de Deus; profundamente esquecida a virtude e eficácia de Cristo e inteiramente subvertido o ofício de pastor. Por outro lado, a impiedade avançou tanto, que nenhuma doutrina cristã restou pura ou sem mistura, nenhuma cerimônia sem erro, e nenhuma porção do serviço divino livre de superstições. Aqueles que repugnam tais iniquidades fazem guerra contra a Igreja, ou trabalham para ajudá-la, ao vê-la assim afligida e oprimida de todos os lados? E ainda te atreves a invocar vossa obediência e humildade; vossa reverência pela Igreja vos impede de trabalhar para evitar todas essas iniquidades? O que haverá de comum entre um homem cristão e essa obediência contraditória que serve e obedece aos homens, mas despreza a Palavra de Deus? O que ela terá de comum com esta humildade contumaz e rebelde que só reverencia e honra aos homens, depreciando a majestade de Deus?

Deixemos de lado esses falsos títulos de virtude, daqueles que os alardeiam somente para encobrir seus vícios. Vamos ao assunto sem rodeios. Humildade, entre nós, é aquela que começa com o mais simples e honra a cada um segundo a sua dignidade, de tal modo que atribui à Igreja uma suprema reverência, que, em definitivo tem de ser atribuída a Cristo, sua Cabeça; obediência é aquela que nos leva a ouvir nossos superiores e aqueles que cuidam de nós, entretanto atribui todas as nossas ações à única regra, que é a Palavra de Deus; finalmente, Igreja é aquela que não faz outra coisa senão olhar para a Palavra de Deus com toda humildade e a ela se mantém obediente. Mas, dirás, como sois arrogantes ao vangloriar-vos de que somente a vossa Igreja é verdadeira, separando-a do resto do mundo. Na verdade, Sadoleto, nós não negamos que sejam igrejas de Cristo as igrejas que presidis; porém dizemos que o Papa, junto com toda a tropa dos seus falsos bispos, que entre vós têm ocupado o lugar de pastores, são lobos cruéis e perigosos, os quais, até aqui, não têm revelado outro desejo, senão o de consumir e destruir o Reino de Cristo, até que assolado e em ruínas, seja totalmente deformado e anulado. Na verdade não somos os primeiros a denunciar tudo isso. Com que veemência vociferava São Bernardo contra o Papa Eugênio e todos os Bispos do seu tempo? E quanto mais tolerável era o estado daquele século que o de agora? Pois hoje se chegou muito mais alto, ao último grau da malícia, de sorte que estas sobras deformadas que são os Bispos (nos quais pensas que está toda a firmeza ou ruína da

Igreja), já não podem suportar mais nem seus próprios vícios, nem o remédio para curá-los; sobre esses vícios dizemos que por eles a Igreja tem sido mutilada cruelmente e pouco tem faltado para ficar arrasada; o que, sem dúvida alguma, não fosse a bondade de Deus, teria acontecido; de sorte que nos lugares sob a tirania papal, com muita dificuldade podem ser notados certos traços e vestígios esparsos de igrejas, pelos quais podes julgar que estas jazem ali quase sepultadas. E isso não te deve soar como coisa estranha, pois ouves o apóstolo Paulo proclamar que a sede do Anticristo estará precisamente no meio do santuário de Deus.

A OBEDIÊNCIA À PALAVRA DIVINA

Esta única admoestação não nos deveria despertar e tornar-nos atentos a fim de impedir que se introduzam na Igreja enganos sob o nome e amparo dela? Bem, dizes tu (o que quer que seja isso), entretanto está escrito: fazei o que vos dizem. Sim, enquanto estiverem sentados na cadeira de Moisés. Porém, uma vez que da cátedra de vaidade enganam o povo com seus sonhos, também está escrito: guardai-vos do seu fermento. Não nos incumbe, Sadoleto, privar a Igreja do seu direito, o qual não somente lhe foi concedido pela benignidade de Deus, como também tem sido vingado e mantido severamente por várias ameaças e maldições. Pois, da mesma maneira que Deus não envia os pastores para governar a Igreja com um poder licencioso e irregular, mas são limitados por uma certa forma de deveres, a qual não podem ultrapassar, da mesma maneira recomendou à Igreja vigiar, para que se comportem fielmente os que, sob esta condição, têm a responsabilidade de dirigi-la. Por isso, não nos deteríamos muito no testemunho de Cristo, se ilicitamente diminuíssemos, ainda que por pouco, a autoridade daqueles a quem tem adornado com tal proeminência e dignidade. Certamente te equivocas, miseravelmente, se crês que o Senhor colocou sobre o seu povo tiranos que governassem tudo segundo suas fantasias, pelo fato de ter dado tão grande poder aos que envia para anunciar o Seu Evangelho. Enganas-te ao não ver que o seu poder está limitado, antes de ser-lhes concedido. Confessamos, pois, que é necessário escutar os pastores da Igreja, como a Cristo mesmo; sobretudo aos que exercem devidamente o ofício que se lhes foi encomendado. O qual não foi outorgado para ser trocado, arrogantemente, por decretos forjados, mas para anunciar, religiosamente e de boa fé, as palavras recebidas da boca do Senhor. Pois com estas restrições, Cristo limitou a reverência que deveria ser dada aos apóstolos. São Pedro não se atribui, nem permite aos demais outra coisa, senão que ao falar aos fieis, o façam conforme as palavras do Senhor. O Apóstolo Paulo exaltava grandemente o poder espiritual que possuía, mas isso o fazia com muita moderação, para que esse poder servisse apenas à edificação e não tivesse nenhuma aparência de dominação. E, finalmente, esse poder não foi concedido para extinguir e dominar a fé. Que vosso Papa, agora, se glorie o quanto queira da sucessão de São Pedro. Pois ainda que a obtenha, não conseguirá que o povo cristão lhe deva alguma obediência por isso, mas tão somente na medida em que, ele mesmo, mantenha a sua fé em Jesus Cristo, sem apartar-se da pureza do Evangelho. Certamente a Igreja dos fiéis não vos chama a outra ordem, senão àquela a que o Senhor quis que permanecêsseis, ao colocar-vos na forma e regra pela

qual todo o vosso poder é limitado. E esta é a ordem estabelecida entre os fiéis pela voz do Senhor: que o profeta que está encarregado da instrução deva ser julgado pela assembleia dos crentes. E aquele que pretenda libertar-se desta ordem, primeiramente deverá ser riscado da lista dos profetas.

O CRISTÃO DEVE CONHECER SUA FÉ

Pois bem, neste momento se me apresenta uma grande oportunidade para reprovar a ignorância que tens. Pois entre as diferenças e controvérsias da religião, não deixas alternativa a assembleia dos fiéis, senão desviar os seus olhos da verdade, submetendo-se ao juízo de homens mais sábios e experimentados. Porém, como é certo que a alma que depende de qualquer outra pessoa e não de Deus, se submete a Satanás, que infelizes e miseráveis não serão aqueles que têm tal começo para a sua fé? Disto deduzo, Sadoleto, que tens uma teologia demasiado ociosa e estúpida, parecida com a daqueles que jamais experimentaram, com pleno conhecimento, nenhum assalto às suas consciências. De outro modo, não porias o cristão em lugar tão escorregadio e perigoso, no qual não poderia permanecer sequer um instante, se por um momento ali fosse colocado. Apresente-me um homem qualquer, não digo um homem comum, mas alguém que seja o mais ignorante e rude criador de porcos: se pertence ao rebanho de Deus, é necessário que seja preparado para o combate que Deus ordena a todos os fiéis. Logo se apresentará um inimigo bem equipado que se aproxima e o combate; e se se trata de um inimigo maduro, para quem nenhuma potência mundana é inexpugnável, com o que se protegerá aquele pobre miserável? De que armas disporá para não ver-se aniquilado ao primeiro assalto? Não existe mais que uma só espada com a qual podemos combater: a Palavra de Deus. Por conseguinte, a alma desprovida da Palavra de Deus, encontra-se completamente indefesa e a mercê do diabo, para que este a mate. Então, diga-me: não será o primeiro objetivo do inimigo arrebatá-la a espada de Cristo de quem combate? E o meio para tirá-la não é fazer com que coloque em dúvida se aquilo em que medita é a Palavra de Deus ou dos homens? O que tu farás a este pobre miserável? Dirás que busque, aqui e ali, por esses sábios, dos quais receba repouso e alívio apoiando-se neles? Porém, o inimigo nem sequer o deixará tomar um pouco de alento com esse subterfúgio. Pois, uma vez que o forçou a por toda a sua confiança nos homens, o acostrará e o transtornará cada vez mais, até confundi-lo completamente. Dessa maneira, ou será facilmente oprimido, ou olhará diretamente para o Senhor. O certo é que a fé cristã não deve fundamentar-se no testemunho dos homens, nem apoiar-se em opiniões duvidosas, nem tampouco sustentar-se por autoridade humana, mas gravada em nossos corações pelo dedo do Deus vivo, de modo que nenhum erro, com sua sedução, tente apaga-la ou destruí-la. Nada, pois, há de Cristo que não traga em si estes começos e princípios, a saber: que Ele é um Deus que ilumina os nossos pensamentos para conhecermos Sua verdade, a qual Ele sela em

nossos corações por meio de Seu Espírito, confirmando nossas consciências com a segurança do Seu testemunho. Falando com propriedade, esta verdade consiste na firme e plena certeza que tanto nos recomenda São Paulo, a qual faz com que estejamos seguros, sem ter dúvida ou desconfiança alguma, e ao mesmo tempo, não permanece como em suspenso, ou vacilante, entre as altercações dos homens, para ver a que partido seguirá. E ainda que todo o mundo se lhe oponha, ela, entretanto, permanece firme e segura em sua opinião. Daqui provém e nasce o poder de julgar que atribuímos à Igreja e que queremos mantê-lo inviolavelmente guardado. Pois o mundo se comove e estremece por diversas opiniões, mas a alma fiel não se vê nunca abandonada, de tal modo que deixe de seguir o reto caminho de salvação. Entretanto, não imaginamos uma fé tão perfeita que não possa errar nunca na eleição do bem e do mal, que despreze a todos os homens, em virtude de sua pretendida proeminência e superioridade, sem levar em conta nenhum juízo ou opinião, nem fazer diferença entre os sábios e os ignorantes. Antes, ao contrário, confesso que mesmo os que têm a consciência mais pura e devota, não chegam a compreender todos os mistérios de Deus, ao contrário, muito frequentemente, das coisas mais evidentes, não vêm nem uma gota. E isto faz a providência do Senhor, a fim de acostumá-los a uma maior modéstia e submissão do espírito. Mais ainda, afirmo que têm em tal estima e reputação a todas as pessoas de bem, e muito mais a Igreja, que por isso não se separarão, com prazer, de um homem a quem percebem ter o verdadeiro entendimento de Cristo e de Sua Palavra. De sorte que preferem, às vezes, permanecer como que suspensos em seu julgamento, do que entrar numa dissensão ligeira. Mantenho somente que, enquanto se apoiarem na Palavra de Deus, jamais serão tão surpreendidos que se vejam arrastados para a perdição; e que a verdade da Palavra lhes resulta tão certa e manifesta que nem os anjos, nem os homens, poderiam separá-los dela. Por isso, deixemos de lado essa frívola simplicidade, que, como dizes, é própria de gente rude e ignorante, a qual consiste em olhar para esses sábios personagens e ater-se às suas deliberações. Pois, além do fato de que nenhuma convicção religiosa, por mais obstinada que se possa imaginar, não merece o nome de fé, se apoiar-se em algo fora de Deus, pergunto: haverá alguém que chame de fé a não sei que duvidosa opinião, a qual não somente se consegue por arte diabólica, como também flutua e vacila por sua própria natureza, e dela não se pode esperar algo mais do que perder-se?

OS REFORMADORES E OS ROMANISTAS

Quanto à falsa acusação (contrária, por certo, ao que tu mesmo sabes) de que, ao rechaçar a esse jugo tirânico, pretendemos nada mais que dar-nos rédea solta, entregando-nos a uma vida licenciosa e desregrada, sem que pensemos sequer (Deus o sabe) na vida futura, vamos estabelecer julgamento, comparando a vossa vida com a nossa.

É certo que somos pecadores e vícios abundam entre nós, e com frequência caímos e falhamos muito; entretanto a vergonha me impede o atrevimento de vangloriar-me (tanto quanto a verdade o permite) de sermos melhores do que vós, e isto em todos os aspectos. Contanto que não pretendas excetuar Roma – esse belíssimo santuário de toda a santidade – que uma vez fora do prumo, rompidas as barreiras da justa disciplina e toda a honestidade pisoteada, transborda de toda a sorte de maldades, que a duras penas poderá achar-se, em toda a história, um exemplo semelhante de tão grande abominação. Creio que seria preciso submeter nossa vida a muitos perigos e danos, a fim de que, seguindo o teu exemplo, não fôssemos constrangidos a uma continência mais severa e estreita. No que nos diz respeito, não recusamos observar a disciplina dos cânones antigos; não recusamos mantê-la e guardá-la com diligência e boa-fé. Pelo contrário, sempre sustentamos que essa desgraçada ruína da Igreja era proveniente, unicamente, do fato de ter perdido, por seus excessos e licenciosidades, toda a sua força e vigor, e ter permanecido inteiramente abatida. Pois é necessário que o corpo da Igreja, para mantê-lo perfeitamente unido, esteja entrelaçado com a disciplina, do mesmo modo que um corpo é reforçado por seus nervos. E vos pergunto: como ela pode ser reverenciada e desejada por vós? Onde estão aqueles antigos cânones, pelos quais, com seu freio, os Bispos e Padres eram mantidos no cumprimento de seu ofício e dever? Como, entre vós, os Bispos são eleitos? Com que provas? Como são examinados? Com que diligência e previsão? Como são nomeados para exercer seu ofício? Com que liturgia ou solenidade? Esses prestam juramento de que exercerão o ofício de pastor apenas para constar; porém, como se vê, com o único fim – sem nos fixarmos em outras maldades – de fazer perjuros. Pois, apoderando-se, como pela força, dos cargos da Igreja, lhes parece que possuem um poder que não precisa ser submetido à lei nenhuma, e pensam que com esse poder tudo lhes é permitido. De sorte que podemos crer, facilmente, que os piratas, os bandidos, ladrões e salteadores, têm um senso do direito melhor e observam as leis melhor do que todos vós.

O REFORMADO DIANTE DO JUÍZO DE DEUS

E posto que no final nos citaste como criminosos diante do tribunal de Deus, induzindo algumas pessoas a defender nossa causa, não temo, de minha parte, citar-te diante desse mesmo juízo. Quanto ao que se refere à doutrina, nossa consciência está tão segura dela que não teme esse Juiz Celestial, de quem sabes que a doutrina provém. E por isso, não se detém nessas pequenas brincadeiras, com as quais quiseste divertir-te tão despropositadamente. Pois pode haver coisa mais inoportuna que inventar sei lá que injúrias, depois de ter-se apresentado diante de Deus, e logo forjar uma defesa pouco idônea, que imediatamente cai? Sempre que os cristãos se lembram daquele dia, seus corações se enchem da maior reverência, que não lhes permite brincar ociosamente desse modo. Deixando, pois, de lado tais delícias, consideremos um pouco aquele dia, pois os corações dos homens devem estar sempre preparados para quando ele chegar; o que nos lembra – e com razão – de que nada há mais desejável aos fiéis, porém terrível e temível aos profanos e para aqueles que desprezam a Deus, do que esse dia. Escutemos os sons de trombetas, que o pó dos mortos ouvirá em seus sepulcros. Levantemos os nossos corações e pensamentos nesse Juiz, que com o resplendor do Seu rosto descobrirá tudo o que está oculto e trará à luz todos os segredos do coração humano e com o Espírito de Sua boca confundirá os malvados. Penses, pois, agora, que razões válidas levantarás para defender-te a ti e aos teus; pois nossa causa, por estar fundamentada na verdade de Deus, não carecerá de boa e justa defesa. De nossas pessoas, prefiro não dizer nada, pois nossa salvação não dependerá de um processo judicial, mas de uma humilde confissão e súplicas.

DEFESA DA INTEGRIDADE DO MINISTÉRIO DOS REFORMADORES, DIANTE DO TRONO, EM FORMA DE ORAÇÃO

Mas no que diz respeito ao nosso ministério, não haverá ninguém entre nós que não possa dizer de si o seguinte:

“De minha parte, Senhor, experimentei o quanto é difícil e custoso suportar dos homens a acusação invejosa que me oprimia na terra, porém, com a mesma confiança com que sempre apelei ao Teu Tribunal, com ela mesma compareço agora diante de Ti; pois sei que a verdade impera em Teu juízo, e nesta confiança, primeiramente ousei empreender e, com zelo, consegui realizar – sustentado por sua instrução – tudo o que por mim devia ser feito em Tua Igreja. Me acusaram de dois crimes muito graves, a saber: heresia e cisma. Mas chamam de heresia o fato de ter ousado contradizer as constituições por eles observadas. O que fazer? Ouvi de Tua boca que não existe outra luz da verdade, para conduzir nossas almas pelo caminho de vida, senão a Tua Palavra. Ouvi que tudo o que o espírito humano inventava sobre a Tua majestade, veneração de Teu nome e mistério da religião, eram vaidade. Sabia que era uma tremenda e sacrílega ousadia o fato de terem sido semeadas pela Igreja, suplantando a Tua Palavra, doutrinas inventadas pelo cérebro dos homens. E certamente, quando voltava meu olhar para os homens, tudo me parecia contraditório: os que eram vistos como os guardiões da fé, não compreendiam a Tua Palavra e nem se preocupavam com ela. Abusavam do povo simples e o enganavam com estranhas constituições e zombavam dele com suas baboseiras. Para esse povo, a maior veneração de Tua Palavra consistia em fazê-la de longe, como algo a que não se tinha acesso, impedido de toda a investigação sobre ela. E tanto pela estupidez preguiçosa dos pastores, como pela ignorância do povo, tudo estava cheio de erros perniciosos, mentiras e superstições. Certamente Te chamavam Deus; porém, transferindo a outros a glória que só a Ti é devida, faziam para si tantos deuses quantos queriam adorar como santos e padroeiros. Também a Teu Cristo, o adoravam como Deus e lhe davam o nome de Salvador; porém, no aspecto em que mais devia ser adorado, deixavam-no praticamente sem glória; pois despojado de Sua virtude e poder, permanecia oculto entre a tropa de santos, como um outro qualquer. Não havia quem, verdadeiramente, estimasse como único o Seu sacrifício oferecido na cruz, para a nossa reconciliação contigo. Ninguém pensava em Teu sacerdócio eterno, nem na intercessão e mediação que dele dependiam. Ninguém descansava em Tua justiça exclusiva. Quanto

à segurança de salvação que está prescrita e fundamentada em Tua Palavra, havia quase desaparecido. Por outro lado, tinham como coisa certa que se alguém, protegido pela benignidade e justiça de Teu Filho, concebesse em si mesmo uma certa e segura esperança de salvação, atribuíam isso à sua louca arrogância – e como diziam – a uma temerária presunção. Havia algumas opiniões malignas que corrompiam, por completo, as primeiras constituições da doutrina que Tu nos tinhas dado em Tua Palavra. O entendimento correto do Batismo e de Tua Santa Ceia havia sido corrompido por diversas mentiras. E, sobretudo, apesar de todos colocarem sua confiança nas boas obras (não sem ofender gravemente a Tua misericórdia) e esforçarem-se por merecer, através delas, a Tua Graça, conseguir Tua Justiça, purgar seus pecados para tornar-Te propício (tudo isso apaga e destrói a virtude da cruz de Cristo), apesar disso, não conheciam quais eram as boas obras. Pois, como se não tivessem sido instituídas para justiça por Tua Lei, haviam forjado algumas inúteis futilidades para fazer-Te propício e favorável; nas quais se deleitavam de tal modo, que desprezavam a regra da verdadeira justiça, que nos impuseste por meio de Tua Lei. As tradições humanas haviam alcançado tanto poder que, se não tinha arrancado totalmente a confiança em Teus mandamentos, pelo menos tinham diminuído grandemente sua autoridade. Mas Tu, Senhor, me iluminaste com a claridade do Teu Espírito, para meditar sobre isso; puseste diante de mim a Tua Palavra como uma tocha, para me fazer conhecer o quanto todas essas coisas são más e perniciosas; finalmente tocaste o meu coração para que, justamente, e com todo o direito, as abominasse.

E quanto a prestar-te constas da doutrina, Tu sabes o que existe em minha consciência, isto é, que jamais pensei em sair dos limites, que segundo conhecia, tinham sido traçados aos Teus servidores. Então, sem dar lugar à dúvida de que havia recebido tudo de Tua boca, procurei ensiná-la fielmente à Tua Igreja. E é verdade que visei, principalmente, isso e trabalhei muito para que, afastadas e desfeitas as nuvens que a obscureciam, aparecesse a Glória de Tua bondade e justiça com toda a sua luz; e para que, suprimidos todos os disfarces, resplandescessem em toda a sua plenitude as virtudes e benefícios de Teu Cristo. Pois pensava que não era razoável que todas essas coisas permanecessem em trevas; julgava que não deveriam ser ensinadas de modo descuidado e superficial, já que tínhamos nascido para nelas pensar e meditar, pois qualquer raciocínio é muito inferior em comparação com a grandeza dessas coisas; e não titubeava em firmar os homens nelas, porque disso dependia a sua salvação. Porque é impossível que nos

engane essa Palavra de Deus, que nos diz: “e a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo a quem enviaste.”

Quanto à reprovação de que me separei da Igreja, dela não me sinto culpado em absoluto. A não ser que seja considerado traidor aquele que ao ver os soldados confusos e extraviados, correndo de um lado para o outro e abandonando o seus postos, levanta a bandeira do capitão, os chama e põe de novo em ordem. Pois todos os Teus, Senhor, estavam tão extraviados que não somente não podiam ouvir o que lhes ordenava, mas lhes parecia que já não se recordavam do seu capitão, nem da batalha, nem do juramento que haviam feito. E para aparta-los desse seu erro, não levantei uma bandeira estranha, mas aquele Teu nobre estandarte que devemos seguir, se queremos alistar-nos em Teu povo. E neste ponto, os mesmos que deviam manter em ordem os soldados, mas os haviam levado a erro, levantaram suas mãos contra mim; e porque persisti com constância, me enfrentaram com grande violência; e começaram a amotinar-se de tal modo que o combate se inflamou até romper a união. Mas, qual dos lados é culpado? Tu, Senhor, agora debes dizer e decidir. De minha parte, sempre demonstrei com palavras e fatos que desejava a união e a concórdia: porém me referia, não obstante, àquela união da Igreja que começa em Ti e acaba em Ti mesmo. Pois, quantas vezes nos recomendaste esta paz e união, tantas declaraste que Tu eras o único vínculo para conserva-la e mantê-la. E quanto a mim, se quisesse ter paz com os que se vangloriavam de ser os primeiros na Igreja e os pilares da fé, haveria de tê-la comprado com a renúncia à verdade. Porém preferi me expor a todos os perigos do mundo a condescender com um pacto tão execrável. Pois Teu Cristo mesmo nos ensinou que se o céu devia perecer juntamente com a terra, Tua Palavra, entretanto, permaneceria eternamente. Agora, jamais pensei que para guerrear com tais senhores, tivesse que discordar de Tua Igreja. Pois, nos havias advertido por meio de Teu Filho e de Teus apóstolos, que alguns se sublevariam, mas de modo algum deveríamos pactuar com eles. Quando predisseste que seriam lobos vorazes e falsos profetas, não te referias a homens estranhos, mas aos mesmos que se fariam passar por pastores, e ordenaste que me guardasse bem deles. Se, pois, mandaste que deles me guardasse, haveria eu de lhes dar as mãos? E Teus apóstolos nos haviam anunciado que não haveria em Tua Igreja inimigo mais mortal que os que estariam em nosso meio, encobertos pelo título de pastor? Por que, pois, teria medo de apartar-me daqueles aos que, segundo me diziam Teus apóstolos, deveria tê-los por Teus inimigos? Diariamente

contemplava os exemplos dos Teus profetas, os quais tinham sustentado tantas disputas com os sacerdotes e falsos profetas do seu tempo; estes, por certo, eram, como está demonstrado, os primeiros da Igreja do povo de Israel. Entretanto, não se considerou os Teus profetas como cismáticos, ainda que, para endireitar o serviço de Deus quase destruído, não se tenham submetido aos falsos profetas que os rejeitavam com todas as forças. Permaneciam, pois, na verdadeira união da Igreja, ainda que os malvados sacerdotes tenham despejado sobre eles toda a sorte de maldições e tenham sido julgados indignos de ser contados não somente entre os santos, mas também entre os homens. Assim, pois, confirmado por seus exemplos, persisti de tal modo neste propósito que de modo algum, nem suas ameaças, nem suas denúncias tachando-me como cismático, me assustaram. E, sempre, com firmeza e constância, opus-me àqueles que, sob o título de pastor, oprimiam tiranicamente a Tua pobre Igreja. Sentia em meu interior um grande desejo de vê-la unida, com a condição de que fosse a Tua verdade o vínculo dessa concórdia. Os tumultos que se seguiram, a mim não devem ser imputados, uma vez que não fui eu quem os provocou. Tu sabes bem, Senhor, e os fatos mesmo testemunham diante dos homens, como não busquei outra coisa, senão que por tua Palavra toda a controvérsia fosse apaziguada, a fim de que por uma união de espíritos, os dois partidos procurassem a ampliação e o estabelecimento do Teu Reino. Tu sabes também que não recusei, pondo até minha cabeça a prêmio (se não me inquietei em vão), que a paz fosse restabelecida na Tua Igreja. Por outro lado, o que faziam os nossos inimigos? Não apelavam furiosamente à fogueira, à força e às espadas? Não incitavam as pessoas de todos os estados ao mesmo ódio? Não criam que o seu único recurso consistia nas armas e na crueldade? Não rechaçavam todas as condições de paz? E assim sucedeu que esta disputa, que sem esses fatos poderia ter sido amigavelmente pacificada, se inflamou e se converteu numa guerra. E ainda que uma disputa tão grande tenha suscitado tantas opiniões, entretanto estou agora livre de todo o medo, porque estamos diante do Teu trono judicial, no qual a equidade unida à verdade, não pode sentenciar senão a inocência.”

Eis aqui, Sadoleto, a defesa da nossa causa. Não aquela que, para sobrecarregar-nos, quiseste inventar; mas aquela que todas as pessoas de bem sabem ser verdade e que naquele dia será claramente revelada a toda a criatura. E quanto àqueles que, instruídos por nossa pregação, virão conosco a este mesmo julgamento, não lhes faltará o que responder para defender-se, pois cada um deles terá, bem preparada, a defesa que segue.

SEGUNDA ORAÇÃO: CALVINO RELATA SUA CONDIÇÃO ANTERIOR E A CONVERSÃO À FÉ EVANGÉLICA?

Quanto a mim, Senhor, sempre confessei publicamente a fé cristã como a aprendi desde a minha juventude; da qual, desde o princípio, não tive outro conhecimento, senão o que era comumente observado. Tua Palavra, que devia iluminar o Teu povo como uma lâmpada em todo o universo, foi-nos tirada, ou pelo menos, escondida. E para que ninguém desejasse dela ter um conhecimento mais claro, persuadiram a todos de que era muito melhor encomendar a investigação desta divina e secreta filosofia a uns poucos, a quem pediríamos as respostas e oráculos; e que o povo não devia entendê-la mais profundamente, mas apenas submeter-se à obediência da Igreja. E eram tais os ensinamentos que me deram no princípio, que não me instruíam o bastante no reto serviço da Tua Divindade, nem me faziam conceber suficientemente uma esperança segura de salvação, nem me dirigiam bem no dever da vida cristã. É verdade que me haviam ensinado a adorar somente a Ti como o meu Deus. Mas, por ignorar a verdadeira razão para adorar-Te, tropeçava assim que começava a praticá-la. É verdade que cria, como me haviam ensinado, que havia sido resgatado da morte eterna pela morte de Teu Filho; porém, imaginava que esta redenção era de tal natureza, que sua virtude nunca chagava até a mim. É verdade que ouvia falar do dia futuro da ressurreição, porém horrorizava-me essa lembrança, como se fosse algo ruim. Não que esse fosse um conhecimento particularmente forjado em meu cérebro, mas o havia aprendido da doutrina que, então, comumente pregavam os mestres e doutores do povo cristão. Os quais pregavam a clemência aos homens, mas somente àqueles que se fizessem dignos dela. Finalmente, dignificavam tanto a justiça das obras, que só era recebido em graça aquele que tivesse sido reconciliado contigo através de suas boas obras. Apesar disso, não cessavam de dizer que todos éramos miseráveis pecadores, que caímos, frequentemente, por causa da debilidade da carne. E logo diziam que Tua misericórdia era o porto de salvação para todos; porém, para obtê-la não havia outro meio, senão fazer satisfações por nossos pecados. E depois de tais satisfações nos mandavam, primeiro, que pedíssemos humildemente perdão e absolvição, depois de havermos confessado todos os nossos pecados a um padre. E após pagarmos, para contigo, a memória desses pecados, deveríamos acrescentar, para suprir nossas deficiências, sacrifícios e solenes mortificações. E, porque és um juiz rigoroso, que vingas terrivelmente toda a iniquidade, mostravam a severidade que devia conter Teu olhar. Por

isso nos encomendavam que nos dirigíssemos, primeiramente, aos santos para que, com sua intercessão, estes conseguissem tornar-te propício e benigno. E apesar de haver colocado em prática e ao pé da letra, tudo isso, ainda que confiasse pouco nelas, entretanto encontrava-me bem distante de uma absoluta tranquilidade de consciência. Pois, quantas vezes eu mergulhava em mim mesmo, ou levantava o meu coração a Ti, surpreendia-me um terror tão tremendo, que não havia purificações, nem satisfações que pudessem livrar-me dele. E quanto mais perto me sondava, tanto mais sentia a minha consciência torturada por agulhões agudíssimos; de sorte que não me sobrava outro alívio que enganar-me a mim mesmo, esquecendo-me de mim. Mas, como não encontrava nada melhor, seguia sempre o mesmo caminho que havia aprendido. Quando apareceu uma forma de doutrina bem distinta, não para afastar-nos da carreira cristã, mas para restituí-la à sua origem autêntica e devolver-lhe a pureza, livre de toda sujeira, eu, ofendido por essa novidade, com grande dificuldade lhe dei ouvidos. Confesso que no princípio a combati com valentia e denodo. E como os homens são, por natureza, obstinados em manter as instituições que antes receberam, por isso me aborrecia muito confessar que durante toda a minha vida criei-me no erro e na ignorância. E, do mesmo modo, havia em mim algo que impedia-me de crer naquela gente: a minha reverência e veneração à Igreja. Porém, depois de escutá-los algumas vezes e permitir-lhes que me ensinassem, compreendi perfeitamente que era vão e supérfluo o temor de que a majestade da Igreja tivesse sido diminuída; pois demonstravam que havia uma grande diferença, por um lado, entre afastar-se dela e, por outro, esforçar-se por corrigir os vícios com que essa mesma Igreja está manchada e contaminada. Falavam da Igreja com toda a honradez e demonstravam que sua principal intenção consistia em sua união. E para que não parecesse que, sob o nome de Igreja, haviam encontrado alguma coisa falsa, demonstravam que não era estranho que os anticristos tivessem nela o lugar de pastores. Sobre este ponto nos mostravam diversos exemplos, pelos quais claramente notava-se que o seu único objetivo era a edificação da Igreja; e que nisso sua causa era a mesma que sustentavam muitos servos de Jesus Cristo, que chamamos de santos. De sorte que, se falavam livre e abertamente contra o Papa de Roma, considerado como vigário de Cristo, sucessor de São Pedro e chefe da Igreja, o faziam por esta razão: que esses títulos não passavam de vaidades, com os quais não era correto deslumbrar os sentidos dos fiéis a ponto de não conseguirem mais enxergar ou discernir a realidade das coisas; e que o Papa se havia elevado a uma altura e magnificência exorbitantes, enquanto o mundo dormia

como que aprisionado por um profundo sono de ignorância e de deslumbramento; e que, na verdade, ele não havia sido constituído como príncipe e chefe da Igreja, nem pela boca de Deus, nem por uma legítima vocação da Igreja, mas havia sido eleito por sua própria autoridade e querer. Sobretudo, porque a tirania com a qual oprimia o povo não mais podia ser tolerada, se quiséssemos que o Reino de Cristo se mantivesse salvo e íntegro entre nós.

Não lhes faltavam, no entanto, fortes razões pelas quais confirmavam todas essas coisas. Em primeiro lugar eles refutavam claramente tudo o que era alegado para fundamentar o reinado do Papa; e depois de destruir, neste ponto, todos os seus alicerces, demoliam, pela Palavra de Deus, sua altivez; restava claro, tanto para sábios, como para os ignorantes, que a verdadeira ordem da Igreja havia sido totalmente perdida; a chave sob a qual se sustentava a ordem eclesiástica estava malignamente adulterada; a liberdade cristã demolida e o Reino de Cristo totalmente abatido, desde quando aquele reinado foi erguido. E quando meu espírito decidiu atender verdadeiramente aos ensinamentos daqueles novos pregadores, comecei a conhecer, como quem recebe uma luz, o lamaçal de erros em que estava mergulhado. Então, estando terrivelmente consternado e perdido pela miséria na qual me encontrava, e mais ainda, pelo conhecimento da morte eterna que se aproximava, achei que nada era mais importante que render-me a Ti, após ter rejeitado, com gemidos e choros, minha antiga maneira de viver. Agora, então, Senhor, o que resta a este pobre miserável, senão ofertar-te minha humilde súplica, para que não ponhas em minha conta aquele terrível abandono da Tua Palavra, do qual, por Tua maravilhosa bondade, me tiraste?”

Agora, Sadoletto, se te parece conveniente, compara esta nossa defesa com a que puseste na boca do teu homem simples. Seria uma maravilha se não soubesses qual terias que preferir. Pois sem dúvida nenhuma, está em grande perigo a salvação daquele cuja única defesa está apoiada sobre a afirmação de que sempre observou a religião que lhe transmitiram seus antepassados. Por esta mesma razão, também os judeus, turcos e sarracenos se livrariam do juízo de Deus. Rechacemos, pois, esta vã desculpa ante o Tribunal que há de ser erguido, não para aprovar a autoridade dos homens, mas para manter a verdade de um só Deus, sendo reprovada a carnalidade universal de falsidade e mentira. Pois se eu quisesse valer-me de baboseiras como as utilizas, que imagem poderia pintar? Não de um Papa ou de um Cardeal, ou de qualquer outro venerável prelado de sua facção (e tu sabes, perfeitamente, de que cor podem ser pintados, até por um homem pouco talentoso), mas me valeria de um outro,

ainda que fosse o mais primoroso de todos os vossos doutores. Certamente já não me será necessário, para condenar esse doutor, de nenhuma conjectura duvidosa, ou atribuir-lhe falsos crimes, pois estes são muitos e não lhe faltariam, suficientemente provados e evidentes, que por certo o deixariam sobrecarregado. Mas, para que não pareça que caio no mesmo erro que repreendo em ti, não me comportarei da mesma maneira. Suplicarei, unicamente, que medites por um momento, que penses se alimentais com fidelidade o povo cristão, ao qual não se pode dar outro pão que não seja a Palavra de Deus. E não te alegres demasiado em representar o teu papel sob o aplauso e consentimento do povo, pois ainda o fim não chegou, quando não tereis, por certo, um posto para vender, sem risco, suas falsas mercadorias e enganar as consciências fieis com suas mentiras e invenções. Mas, perecereis em pé ou caireis, unicamente pela vontade de Deus, cujo juízo levará em conta somente Sua equidade imutável e não a voz, nem o favor do povo; e não indagará somente os atos exteriores, mas julgará a sinceridade ou a malícia dos corações. Não quero julgar a todos de forma generalizada. Mas, quais de vós, quando se trata de lutar contra nós, não sente tormentos de consciência por saber que ao agir assim, trabalha mais para os homens, que para Deus? Em todo o transcurso da tua carta nos trata de maneira desumana, porém no último parágrafo vertes contra nós, à boca cheia, todo o veneno da tua maldade. E ainda que essas injúrias em nada nos afetem, as quais anteriormente já respondemos parcialmente, peço-te que me digas, o que passou por tua cabeça para chegar a acusar-nos de avareza? Crês que os nossos tenham sido tão tontos que não se tenham dado conta, desde o princípio, de que o caminho que haviam proposto era totalmente oposto à toda ganância e proveito carnal? Não viam eles que ao repreender e censurar vossa avareza, estavam, por isso mesmo, necessariamente obrigados a viver com moderação e de uma maneira razoável, se não queriam servir de piada até para as crianças? Não restringiam, eles mesmos, seu próprio caminho para conseguir riquezas e bens, ao ensinar que o meio melhor de corrigir a avareza era despojar os pastores da abundância e futilidade das riquezas, para que, estando livres delas, tivessem maior cuidado com o rebanho? Que riquezas, então, havia, para que pudessem desejar? Pois a aceitação imediata, desde o princípio, dos pactos e condições que vós oferecíeis, não era o caminho mais curto e mais fácil para alcançar riquezas e honras? Com que quantia vosso Papa não teria, então, comprado, e certamente compraria hoje, o silêncio de muitos? Se tinham a mínima ambição de enriquecer-se, por que, então, preferiram permanecer pobres (uma vez que não tinham nenhuma esperança de aumentar seus bens), em vez de, em pouco tempo, fazerem-se ricos e isso sem grande dificuldade?

Todavia, ainda não compreendo por que razão nos afrontaste assim, visto que aqueles que, primeiramente, levantaram a causa, não poderiam esperar outra coisa, senão ser rechaçados e repudiados vergonhosamente por todo o mundo; e os que vieram depois, se expuseram consciente e deliberadamente a inumeráveis ultrajes. E esses enganos e intrigas internas? Não acharão entre nós nenhuma suspeita. No vosso santo colégio encontrareis seguramente, onde todos os dias sois agitados por intrigas.

O ÚNICO FUNDAMENTO: A PALAVRA DE DEUS

Vejo-me obrigado, para colocar um ponto final, a prescindir de tais calúnias. E quanto ao que dizes de que pretendo fazer tudo conforme a nossa cabeça e que não encontramos nenhum só personagem em toda a Igreja a quem considerar como digno de fé, já demonstramos, suficientemente, que não passa de pura calúnia. Pois, se pomos a Palavra de Deus acima de qualquer juízo dos homens, temos, finalmente, concedido que os concílios e os santos Pais têm certa autoridade, desde que estejam de acordo com a Palavra de Deus; portanto, julgamos esses concílios e os santos pais dignos de honra e do lugar que ocupam, tão somente se estiverem razoavelmente sob Cristo. Mas, o maior de todos os crimes que nos imputas, consiste em afirmar que temos trabalhado para perverter e dividir a esposa de Jesus Cristo. Se isso fosse verdade, tu e o mundo inteiro poderiam considerar-nos, e com razão, como perdidos e desenganados. Por isso não aceitarei que imputes a nós esse crime, se antes não sustentares que a esposa de Cristo foi destruída por aqueles que desejam entrega-la a Cristo como casta e virgem; por aqueles de quem se espera um santo zelo em conserva-la íntegra; por aqueles que, corrompidos por diversas concupiscências, a destituem da fé marital; e, finalmente, por aqueles que não temem discutir com todos os adúlteros que conhecem, e sabem que corrompem sua pureza. Poderíamos ter feito algo distinto do que fizemos? A santidade da Igreja não tinha sido corrompida, e o que é pior, violada com doutrinas e estranhas constituições, por gente da vossa facção? Ela não tinha sido, violentamente, prostituída por inumeráveis superstições? Ela não tinha sido manchada por essa tão repugnante mania de adultério, que é a adoração de imagens? Por certo, por não termos suportado que escarnecêsseis dessa maneira do santíssimo altar e câmara nupcial de Cristo, nos acusas de havermos dividido Sua esposa. Porém te digo que esta divisão, da que nos acusas falsamente, é mais que visível entre vós, não somente no que concerne à Igreja, mas também a Cristo, a quem vemos que vós, miseravelmente, dividistes. Como, pois, se juntará a Igreja com seu esposo, se não pode tê-lo íntegro e são? E onde está a saúde de Cristo, se a glória de Sua justiça, santidade e sabedoria foi transferida para outro lugar? Na verdade, antes que a guerra fosse incendiada por nós, tudo estava tranquilo e em paz. A preguiça dos pastores e o assombro e estupidez do povo tinham conseguido que, entre eles, não houvesse nenhuma diferença no que tange à religião. Mas, com que obstinação disputavam os sofistas nas escolas! Pelo que não tens como dizer que o vosso reino estivesse tão pacífico, já que essa tranquilidade se devia ao fato de que Cristo tinha sido calado e estava quase esquecido.

Confesso que, depois da nova manifestação do Evangelho, várias e grandes disputas surgiram, que antes eram desconhecidas. Entretanto, não seria razoável imputar tudo isso aos nossos, os quais durante todo o decurso de sua ação pretendiam tão somente (restabelecendo a verdadeira religião) agrupar em uma perfeita e íntegra união as Igrejas que se achavam dispersas e divididas por discórdias e dissensões. E para não contar coisas antigas, não recusastes, há pouco, que se estabelecesse a paz na Igreja? Tudo o que têm tentado tem sido em vão, porque vós procurais o contrário. Visto que eles querem uma paz pela qual o Reino de Cristo floresça, mas para vós, tudo o que é ganho para Cristo é tido como perda, não é de estranhar que os resistais com todo o vosso poder. E assim encontrastes um modo de destruir em um só dia tudo o que eles construíram, durante muitos meses, para a glória de Cristo. Não te cansarei mais com muitas palavras, pois em uma só frase posso encerra o assunto: os nossos estão dispostos a dar razão a sua doutrina e não recusarão ceder se forem convencidos com argumentos corretos. Então, de quem depende, agora, que a Igreja goze de uma autêntica paz e da luz da verdade? Agora podes seguir chamando-nos de sediciosos que não deixam a Igreja em paz? Ora, a fim de que não esquecesses nada que pudesse servir para agravar nossa causa, de novo jogas sobre nós toda a culpa por terem surgido seitas variadas nestes últimos anos; mas avalie com que justiça ou sob que pretexto nos acusas. Pois, se por isso somos dignos de ódio, com todo o direito o nome cristão também teria sido odiado na antiguidade, pelos infiéis e incrédulos. Deixa, pois, de atormentar-nos e perseguir-nos neste ponto, ou confessa abertamente que tem de desaparecer, completamente, da memória dos homens, a religião cristã, pois é a causa da existência de tantos tumultos e sedições no mundo. Que por todos os meios Satanás tenha se esforçado para impedir a obra de Cristo, isso não deve prejudicar a nossa causa. Muito mais conveniente e necessário teria sido observar quem, de fato, procurou atacar todas essas seitas que têm surgido. A verdade é que sozinhos temos suportado todo este grande peso, enquanto vós dormis em vossas ociosidades.

Faça o Senhor que tu, Sadoleto, e todos os teus, compreendais, por fim, que o único vínculo de união eclesiástica consiste em que Cristo, nosso Senhor (que nos reconciliou com Deus, Seu Pai), nos aparte dessa indisciplina, unindo-nos na sociedade do Seu Corpo para, dessa maneira, manter-nos unidos em um só coração e pensamento, por Sua única Palavra e por Seu Espírito.

Estrasburgo, 1º de setembro de 1539.

ANEXO

Carta de Jacques Sadolet Cardeal romano

**Ao Senado e ao povo de Genebra para trazê-los de volta
à obediência ao Pontífice Romano**

**Jacques Sadolet, bispo de Carpentras, Cardeal da Santa
Igreja Romana,
da Ordem de São Calixto, a seus irmãos, Magistrados,
Conselho e cidadãos de Genebra**

Amados irmãos em Cristo, a paz seja convosco e conosco, isto é, o amor e a concórdia sejam com a Igreja Católica, mãe de todos, nossa e vossa, pelo Pai Todo-poderoso, por seu único Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, e pelo Santo Espírito, unidade perfeita em três Pessoas, a quem pertence a glória e o império, pelos séculos dos séculos, amém.

Creio, amados irmãos, que é do conhecimento de alguns de vós que habito agora em Carpentras. Eu vim de Nice, onde, anteriormente, partindo de Roma, tinha ido restabelecer a paz entre os reis, acompanhando o Soberano Pontífice. Amo essa Igreja, essa cidade que Deus quis me dar por esposa espiritual e por pátria. Tenho por esse povo um amor verdadeiramente paternal e sofro muito por ter-me separado de vós. Ainda que a honra do cardinalato, que, para minha surpresa, foi-me conferida, me force voltar à Roma, como certamente me forçará para, naquela cidade, servir a Deus na vocação em que fui chamado. Essa honra, entretanto, não desviará meu espírito, nem meu amor por esse povo, que sempre estará gravado no fundo do meu coração.

Quando ainda estava em Carpentras, a cada dia ouvia dizer coisas sobre vós que, se por um lado causavam-me dor, por outro também me davam motivo para não desesperar, na esperança de que, nós e vós, que outrora estávamos juntos na verdadeira religião de Deus, voltássemos à comunhão de sentimentos em nossos corações.

Pareceu bem ao Espírito Santo e a mim, porque assim fala a Escritura e, certamente, tudo o que se faz para Deus com um sentimento de integridade e piedade é inspirado pelo Santo Espírito, pareceu bem, digo eu, ao Espírito Santo e a mim, escrever-vos alguma coisa e manifestar, através de uma carta, a afeição e solicitude de minha alma por vós.

Certamente, meus amados, não são novos o carinho e a boa vontade que tenho por vós; mas desde quando, pela vontade de Deus, tornei-me bispo de Carpentras, quase a vinte e três anos, como também por causa das relações que vós tendes com o meu povo, eu tinha, mesmo ausente, conhecido muitas coisas a vosso respeito e de vossos costumes, e me pus a amar a nobreza de vossa cidade, a ordem e a forma da vossa república, a dignidade dos cidadãos, e, sobretudo, vossa humanidade, que é louvada e estimada por todos e por homens de outras nações. E porque a vizinhança, frequentemente, produz uma parte não desprezível de afeição de uns pelos outros, como numa cidade a proximidade de uma casa em relação à outra, da mesma maneira, no universo das províncias, ela faz com que seus cidadãos se estimem.

Até hoje vós não tendes colhido nenhum fruto dos meus sentimentos, ou percebido deles algum sinal, ou algum indício para reconhecê-los, porque nunca necessitastes de mim, ou, para isso, ocasião nenhuma se apresentou; porém, certamente, tivesse sido o caso, estaria disposto a vos servir. Agora, porém, não somente é o caso, mas necessário que eu procure manifestar meus sentimentos por vós, se quero conservar minha fé no Deus Altíssimo e o amor cristão para com o próximo.

Com efeito, chegou a meus ouvidos que alguns homens astutos, inimigos da unidade cristã e da paz, têm semeado entre vós e na vossa cidade, sementes de uma execrável discórdia, como já tinham feito em alguns lugares da brava nação suíça; os quais desviaram o povo fiel a Cristo do caminho dos pais e seus ancestrais, da eterna doutrina da Igreja Católica e que tudo encheram com suas querelas e sedições; aliás, esse sempre foi o costume daqueles que, atacando a autoridade da Igreja, procuram para si mesmos novos poderes e honras. Atesto, diante de Deus, Todo-poderoso, aquele que vê em sua presença os meus pensamentos mais íntimos, que fui dolorosamente afetado e que senti algo como uma dupla compaixão, quando, de um lado me parecia ouvir os gemidos de nossa triste mãe, a Igreja, se lamentando por haver perdido tantos filhos que lhe eram tão caros; de outro lado, fiquei comovido por vossos males e perigos; porque eu sabia que esses inovadores, que mudam as antigas e boas instituições, com suas confusões e discórdias, as quais, digo, não somente eram funestas para as almas dos homens – o que é o maior de todos os males – como também aos negócios públicos e privados; o que vós pudestes, instruídos pela experiência, reconhecer também por vós mesmos.

Então o que dizer? Posto que meu amor por vós e minha piedade para com Deus levam-me a vos expor todos os sentimentos íntimos do meu coração, como um irmão a seus irmãos, um amigo a seus amigos, quero pedir-vos, insistentemente, que tenhais por mim, neste momento, aquela bondade, que sempre fez parte de vossas ações, em receber e ler minha carta sem desprezo; porque espero que, se quiserdes prestar justa atenção às coisas que vos escrevo, aprovareis, certamente, senão meu conselho, ao menos a justiça e a simplicidade de meu coração, que deseja, antes de tudo, a vossa salvação e que compreendais que não procuro tirar vantagem pessoal, mas o vosso bem, para que sejais úteis.

Entretanto, não empreenderei discussões espinhosas e sutis, que São Paulo chama de filosofias, e adverte sempre os fieis de Cristo a não se deixarem engodar por ela. É por ela que esses homens vos têm enganado, publicando entre os ignorantes não sei que obscura interpretação da Escritura, vestindo esse nome de falsidade e malícia, aliás, tão belo, mas com uma interpretação falsa e estranha à doutrina e à sabedoria. Porém, haverei de vos propor coisas claras e evidentes, que não têm em si nem a obscuridade do erro, nem a falsidade da fraude e do engano, porque esse é sempre o caráter da verdade. Com efeito, ela brilha nas trevas, para ninguém é invisível e muito facilmente compreendida pelos sábios e ignorantes. É, sobretudo, nesse gênero cristão de doutrina que ela se apoia. Não sobre silogismos, nem sobre artifícios de linguagem, mas sobre a humildade, a piedade e a submissão a Deus. Porque a Palavra de Deus é viva e eficaz e mais cortante que qualquer espada de dois gumes e penetra na divisão do espírito e da alma, até o fundo de juntas e medulas. Ela não enlaça os espíritos em argumentações difíceis, mas pela intervenção de uma celeste afeição do coração, se oferece uniforme e abertamente à nossa inteligência, para que não seja tanto a razão humana que opere em nós para compreendê-la, mas Deus mesmo que a si nos chama. Eu oro e suplico a esse Deus de reta inteligência, que nos dê o socorro de sua benignidade, a fim de que eu diga e vós compreendais aquilo que possa ainda unir os nossos sentimentos e pensamentos para com Deus, em um só coração e um só espírito.

Ora, para começar pelo que achamos mais útil, penso, queridos irmãos que, como vós e eu, todos aqueles que têm colocado sua esperança e fé em Cristo, o fazem e o fizeram com o propósito único de procurar para suas almas, não esta vida mortal que rapidamente perece, mas a salvação eterna e imortal que se pode obter somente no céu e jamais sobre a terra. Na verdade, esse dever nos foi atribuído para que o fundamento da fé, tendo sido primeiramente posto, pudéssemos em seguida trabalhar aqui embaixo e depois repousar lá em cima. Semeamos nesta terra a semente, para que possamos fazer no céu a colheita. Nós nos entregamos aqui

embaixo a cuidados e trabalhos, a fim de recolher noutra vida, à medida de nossas obras e dores, os frutos resultantes e dignos delas. E como o caminho de Cristo é duro! Como é difícil viver segundo suas leis e preceitos. É difícil pela razão de nos ser ordenado desviar nossos corações do contágio das alegrias terrestres e de fixa-los somente sobre Ele; de desprezarmos os bens presentes que temos nas mãos e de buscarmos os bens futuros que não vemos. Entretanto, esse é o preço que cada um de nós acrescenta à salvação de sua alma, que nos apliquemos a não evitar nenhum obstáculo, nenhum sofrimento, para que um dia a única esperança de nossa salvação, nos tendo sido proposta através de muitas tribulações e cuidados, e pela clemência e a misericórdia de Deus, que sempre precede nossas ações, obtenhamos em fim a salvação estável e eterna. É nessa esperança que Cristo, ao anunciar o bem verdadeiro, foi, no passado, recebido por todos os homens com tanta aceitação e amor. É por essa razão que o adoramos e veneramos; que reconhecemos que Ele é verdadeiramente Deus e Filho do verdadeiro Deus. Porque somente Ele, no começo de todos os séculos, ressuscitou para o Deus Todo-poderoso, em quem somente está a vida, os corações dos homens mortos, vivendo por pouco tempo nas falsas delícias que perecem neste mundo e condenados a logo morrer completamente; Ele os ressuscitou dentre os mortos, isto é, os retirou desse gênero de morte tão pernicioso; e querendo ser Ele mesmo, primeiramente, nossa salvação, libertação e doutrina, tendo aceitado a morte do corpo e em seguida recuperado uma vida imortal, nos instruiu e ensinou por seu exemplo, a fim de que, por um caminho oposto àquele em que estávamos acostumados, estando mortos para este mundo e para a carne, isto é, para o pecado, vivêssemos agora em Deus e puséssemos sobre Ele nossas esperanças de todo o bem, para vivermos felizes como nunca antes. Essa ressurreição dos mortos que diz respeito a todos, é um dom verdadeiramente digno da glória e da majestade do Deus Todo-poderoso. Por ela não foi um ou dois homens, mas todo o gênero humano chamado da terra e da morte da alma à verdadeira e celeste vida. São Paulo ao considerar esse tipo de ressurreição dos mortos e vendo nela a maior prova e marca da divindade de Cristo, diz “eu mesmo, fui separado para o Evangelho de Deus que Ele havia prometido pelos profetas nas Santas Escrituras, no tocante ao Filho, o qual, em verdade, foi gerado, segundo a carne, da família de Davi, mas determinado e declarado Filho de Deus em poder, pelo Espírito de santidade”, isto é, no poder espiritual que é o próprio poder de Deus, porque não é pelo corpo, mas pelo espírito que Deus faz suas obras admiráveis. De fato, ordenar aos ventos, dar a luz aos cegos pela palavra, ressuscitar os mortos, era agir não pelo poder corporal, mas espiritual, o mesmo poder divino; então Cristo foi declarado Filho de Deus por esse poder espiritual que somente Deus tem. E quanto ao que acrescenta São Paulo sobre a ressurreição dos mortos, não se trata tanto daquela

experimentada por Lázaro, do filho da viúva, ou da filha do príncipe da sinagoga, ainda que essas obras fossem também de Deus, mas aquela ressurreição pela qual Cristo libertou Maria Madalena de sete demônios, Mateus da cobrança de impostos, e muitas outras vidas terrestres e moribundas. Em uma palavra: libertou todo o gênero humano do pecado, da morte do pecado e do poder das trevas deste mundo e os ressuscitou para um ardente desejo, para a esperança de uma paternidade e vida celestes. Foi por essa ressurreição que Ele tirou as almas dos homens do jugo da terra, na qual estavam mergulhadas, e as elevou aos céus. Ora, esta foi a maior bênção de Jesus para conosco; é a principal prova de Sua divindade. Por essa razão que Deus a estabeleceu dentro da missão de Seu Filho, que Ele mesmo a recebeu, e por quem nos foi dada e administrada em seu tempo, para que somente em Cristo, com a ajuda de todos os conselhos humanos e divinos, de todos os socorros e virtudes, tendo salvado nossas almas, possamos apresentá-las diante de Deus. Tão grande é a nobreza, tão considerável o preço e o valor dessa coisa que é a alma humana que, para que não se perdesse, mas fosse preservada para Deus e para nós mesmos, as leis de toda a natureza foram completamente alteradas e a ordem das coisas foram mudadas, e Deus desceu sobre a terra para se fazer homem e o homem foi elevado aos céus para ser Deus.

Como vos dizia, todos nós cremos em Cristo, a fim de achar a salvação de nossas almas, ou seja, a vida para nós mesmos. Não pode haver para nós algo mais desejável, nenhum bem que seja mais interior, mais próximo, mais íntimo. De fato, tanto mais alguém ama a si mesmo, mais ama sua salvação; “se ele a negligenciar, a rejeitar, qual será a aquisição que possa igualar-se em valor? Que digna compensação o homem receberá por sua alma?” diz o Senhor; ou ainda “para que lhe servirá ganhar até o universo, se sofrer a perda de sua alma?” Então, esta possessão tão grande, tão cara, tão preciosa, que é para cada um de nós a salvação de sua alma, nela devemos empregar toda a nossa capacidade, todo o nosso esforço para conservá-la. Enquanto todos os outros bens que procuramos ardentemente nos são exteriores e estranhos, este bem da conservação de nossa alma é não somente nosso, mas esse bem somos nós mesmos. O homem que o negligenciasse ou que o perdesse, não poderia ter o gozo de uma outra bênção, posto que aquele que a deveria gozar, já estaria, ele mesmo, primeiramente perdido. Ora, adquirimos a bênção da salvação eterna e universal somente pela fé em Cristo.

Quando digo pela fé somente, não entendo como entendem esses inventores de novidades, de maneira que, separados da caridade e de outros deveres da alma cristã, ela seja a única crença, a única confiança pela qual eu seja persuadido de que, pela cruz e pelo sangue de Cristo, todos os meus pecados me são perdoados. Na verdade, aí está algo que nos

é necessário, é a primeira porta que se abre em direção a Deus; mas isso não é o bastante, porque é preciso, além disso, que tenhamos um espírito cheio de piedade para com o Deus Altíssimo e o desejo de fazer tudo o que lhe é agradável. É nisso que consiste, principalmente, a força do Espírito Santo. Ainda que essa vontade não se manifeste sempre por obras exteriores, ela não está menos disposta interiormente a fazer o bem por si mesma; ela não tem menos vontade de obedecer a Deus por si mesma em todas as coisas, o que é para nós a verdadeira posse da justiça divina.

Com efeito, que outra coisa significa, ou ainda, que outro pensamento, que outra noção nos oferece o nome "justiça", se não há nada nela que diga respeito às boas obras? A Escritura diz que Deus enviou seu Filho para que Ele tornasse o seu povo "aceitável e zeloso de boas obras", e num outro lugar, "para que fôssemos edificados em Cristo, para as boas obras". Então, se Cristo foi enviado para que, fazendo o bem, nós sejamos, por Ele, recebidos por Deus, e para que sejamos nele edificados para as boas obras, certamente a fé que temos em Deus, por Jesus Cristo, nos ordena e prescreve não somente que tenhamos confiança em Cristo, mas ainda que nEle creiamos, fazendo o bem ou nos propondo em fazê-lo. É assim que a palavra fé ganha amplitude e plenitude; porque não contém em si somente o sentido de crença e confiança, mas ainda a esperança e o desejo de obedecer a Deus, como também aquela caridade que nos foi manifestada, sobretudo em Cristo, que é soberana e mestra de todas as virtudes cristãs. É nessa caridade que reside, propriamente e particularmente, o Espírito Santo, ou melhor, Ele é caridade em si mesmo, porque Deus é caridade. É por isso que, sem o Espírito Santo, ninguém pode agradar a Deus, nem receber dEle algo, bem como ninguém pode ser-lhe agradável sem a caridade. Então, quando dizemos que somente pela fé em Deus e em Jesus Cristo podemos ser salvos, pensamos que nessa fé mesma deve estar compreendida, principalmente, a caridade, que é a causa primeira e principal de nossa salvação.

Mas, para abandonar a discussão e voltar ao nosso ponto de partida, nós vos mostramos, ou melhor, nos esforçamos para vos demonstrar - porque nossas palavras não alcançam a grandeza do tema - qual o preço, que importância tem para nós o cuidado e a salvação da nossa alma, a qual contém nosso ser inteiro. Está nisso, verdadeiramente, nosso único bem. Todos os outros bens nos são menores; não nos pertencem e não podemos mesmo gozá-los, se perdermos essa bênção principal, que é verdadeiramente nossa. Foi para guardar e conservar esse bem da alma, que noutra tempo tantos mártires gloriosos, de bom grado sacrificaram esta vida mortal; que tantos doutores santíssimos, por força de labores, fadigas, vigílias noturnas e diurnas, se aplicaram a nos abrir e traçar o reto caminho; que no passado, toda a Igreja sofreu tantas injúrias cruéis e

calamidades por causa da impiedade de tiranos e dominadores das nações. Todas essas coisas foram permitidas pelo Deus Todo-poderoso. Elas foram sofridas, enfrentadas e combatidas por esses homens corajosos, verdadeiros adoradores de Cristo, a fim de que, por todo tipo de experiências e provas, tendo sido forjados como por golpes dobrados de martelo, purificados em fornalhas, e por tão grandes tormentos e trabalhos dos santos, como fundidos, soldados, jogados num cadinho, a Igreja adquirisse de Deus a mais alta graça de fidelidade e uma soberana autoridade diante dos homens. É esta a Igreja que nos regenerou para Deus, em Cristo; foi ela quem nos alimentou, nos fortificou, que nos instruiu no que devemos pensar e crer; ela mesma nos ensinou qual deve ser o objeto de nossa esperança e por que caminho precisamos seguir para alcançar o céu. Quanto a nós, marchamos por essa via que é comum a toda Igreja; conservamos suas leis e preceitos; e se, às vezes, vencidos pela fragilidade e intemperança, sucumbimos ao pecado (e praza a Deus que isso nos aconteça raramente!) nós nos reerguemos nesta mesma fé da Igreja; e as expiações, penitências e satisfações pelas quais ela nos ensina a lavar os nossos pecados e a restabelecer nossa antiga inocência, Deus sendo sempre clemente e misericordioso para conosco, as aceitamos e empregamos os meios de expiação e satisfação; e quando agimos assim para com Ele, temos confiança de encontrar junto a Deus um lugar de perdão e misericórdia. Porque não nos arrogamos o direito de contrariar o sentimento e a autoridade da Igreja. Não nos persuadimos de que temos mais prudência da que precisamos ter; não pomos nosso orgulho a serviço do desprezo aos decretos da Igreja; não fazemos propaganda entre o povo do alto conteúdo em nossos espíritos, nem de nossa genialidade ou qualquer nova sabedoria; mas (falo dos cristãos de coração honesto e reto), andamos na humildade e obediência e recebemos com uma fé íntegra, as coisas que nos foram transmitidas e ordenadas pela autoridade dos antigos Pais, homens sábios e santíssimos, como tendo sido verdadeiramente ditados e prescritos pelo Santo Espírito.

Com efeito, conhecemos e sabemos quanto a humildade tem força, importância e peso diante de Deus. É a única virtude especialmente cristã; Cristo, nosso Senhor, sempre a ressaltou em suas advertências e preceitos, em Seus atos e obras, e disse que o Reino de Deus tinha sido destinado aos pequenos, isto é, aos humildes; porque não nos importa se somos grandes ou pequenos de corpo, mas antes nos importa sermos humildes de coração. O orgulho que precipitou os anjos do céu encerra o caminho aos homens. O anjo, ser celeste, foi expulso por seu orgulho, de onde o homem, ser terrestre, foi elevado por sua humildade, a fim de que nos fosse claramente demonstrado que na humildade encontramos o que nos é mais necessário, o apoio de nossa salvação eterna e o fundamento dessa feliz e doce esperança, pela qual almejamos o céu.

Posto que é assim, caros irmãos, devemos amar acima de tudo a nossa salvação, a vida verdadeira, a eterna felicidade, em suma: nós mesmos. Pois se perdermos a nós mesmos, não encontraremos mais nada que seja nosso, ou seja, que nos sirva ou que nos pertença. Uma vez que não nos pode acontecer um dano mais grave, um mal mais penoso, uma calamidade mais cruel que a ruína e a perda da nossa alma, eu vos pergunto: com que aplicação, preocupação, solicitude devemos velar para que nossa salvação, nossa vida, não sejam expostas a tão grande perigo? Certamente concordareis comigo, me fareis esta concessão, que nada que nos possa acontecer é mais pernicioso, mais terrível, do que a perda da nossa alma. Creio que concordareis comigo, também, que não saberíamos ter a devida atenção ou cuidar suficientemente, para impedir que isso acontecesse; porque se sofrermos esse fim infeliz, será o pior de todos os males; e a possibilidade desse mal, entre todos os perigos, deve ser o mais temido. De fato, quanto maior for o peso do mal, maior ainda deve ser o medo do perigo contido nele. Tal como aqueles que têm um medo terrível de se jogar no mar, que não ousam aproximar-se de uma rocha escarpada, suspensa sobre o mar, também aqueles que tremem diante dessa terrível condenação de Deus evitam, antes de tudo, o perigo mais próximo, mais imediato dessa infelicidade eterna. Com isso não quero dizer que todos os homens estejam sem pecado; que todos nós, enquanto vivemos esta vida, não estejamos sempre em perigo; estamos certamente; nós cometemos muitos pecados e ofensas; às vezes todos caímos; uns mais frequentemente, outros mais raramente, segundo a virtude de cada um, que Deus deu para que nos dominemos. Mas os outros pecados, sobretudo aqueles que não são cometidos deliberadamente, mas por causa da nossa fraqueza, têm fácil perdão diante da misericórdia do Deus Altíssimo. Mas não esse pecado horrível e temível, pelo qual é depravado o Culto de Deus, que deve ser adorado da maneira mais justa; não esse pecado pelo qual se pensa falsamente sobre o único que é a verdade suprema; não esse pecado que nos deixa mais próximos ainda da condenação eterna e que quase nos tira a esperança e a força para evitar cair em tão grande perigo. Com efeito, nos nossos outros pecados, como no mar da vida, conservamos a âncora do nosso navio, que nos garante perigos e naufrágios, porque de tempos em tempos elevamos nossos pensamentos a Deus, e sentindo o aguilhão da dor de nossos pecados, através de suspiros silenciosos, pela confissão de nossa iniquidade, imploramos Sua misericórdia. E Ele mesmo, porque é cheio de bondade e clemência, logo se inclina a nos perdoar, como um pai amável acolhe a oração de seus filhos. Mas nesta atrocidade, nesse pecado horrível de uma falsa religião, não temos mais a Deus por nós, não temos mais nossa âncora. Por isso devemos evitar especialmente esse perigo, com o maior cuidado, irmãos muito amados, se quisermos ser salvos.

Podemos dizer aqui que, quando os julgamentos variam sobre a corrupção ou sobre a integridade da religião e que os homens, sobretudo em nosso tempo, têm sobre isso sentimentos contrários - este interpreta as coisas de uma maneira, aquele de outra - deve ser suficiente - se cada um receber com sinceridade a primeira coisa que se lhe dirá para crer - se submeter seu julgamento àqueles que são mais instruídos e mais esclarecidos do que ele. Eu confesso, meus irmãos, que essas palavras são de homens simplórios demais e de espírito muito limitado; portanto, esses que vos desviam do reto caminho são muito mais culpados; sua linguagem não é própria de gente hábil e sábia. Mas, confessemos que essas coisas são incertas, tanto para sábios como para ignorantes (o que, entretanto, não é assim, porque a Igreja Católica possui uma regra infalível para distinguir o falso do verdadeiro). Mas, convenhamos, essas coisas são duvidosas, porque se trata de colocar em perigo a nossa salvação e estimamos muito nossas almas, isto é, nós mesmos; e não é nossa riqueza que colocamos em risco, nossa saúde, ou mesmo esta vida corporal e mortal, ou todas aquelas coisas cuja perda foi frequentemente suportada com firmeza por homens corajosos, por Cristo e por Suas almas; mas, porque se trata de decidir sobre nós mesmos, se devemos viver eternamente infelizes ou felizes; então não é melhor procurar, considerar, examinar com cuidado e nos firmarmos lá, naquele lugar onde vemos menos medo e perigo (falo como se fosse algo duvidoso, o que, entretanto, não é), onde encontramos um pouco mais de esperança e alegria?

Ninguém, creio, negará que em um negócio embaraçoso e duvidoso, sobretudo nesse grande negócio que é a nossa vida e nossa salvação, deveríamos escolher e seguir os conselhos dados por nossa razão, de preferência aqueles que nos farão ver a temeridade do acaso. Vejamos, então, em que lado, em qual dos dois partidos corremos o maior risco de nos distanciarmos mais de Deus e nos aproximarmos mais da morte eterna. Vou apresentar-vos o assunto como se vós tivésseis que deliberar, como se ainda não tivésseis decidido a quais homens seguir seu conselho. A questão é saber se é mais vantajoso para a vossa salvação, se pensais que é mais agradável a Deus crer e seguir o ensino aprovado pela Igreja Católica, que tem a seu favor o assentimento de pessoas do mundo inteiro há mais de mil e quinhentos anos (se procuramos a luz e a segurança dos registros e conhecimentos históricos destes últimos treze séculos), ou as coisas de homens astutos, como eles mesmos se mostram, de um espírito sutil, que nestes últimos 25 anos têm inovado, contra a experiência de tantos séculos, e em oposição à autoridade perpétua da Igreja; Estes que, certamente, não são a Igreja Católica. De fato, para definirmos a Igreja Católica em poucas palavras, dizemos que é aquela que em todos os tempos, em todos os rincões da terra, sendo una e em concordância com

ela mesma em Cristo, foi sempre e em todo lugar dirigida pelo Espírito de Cristo, na qual nenhuma divisão pode existir; porque nela tudo se une e converge. Se acontece alguma dissensão ou dissidência, o grande corpo da Igreja permanece o mesmo. Mas se alguma apostasia surge, pela qual alguma parte do corpo é corrompida, logo o espírito de vida que anima todo o corpo, a identifica e separa; desde então, esta não é mais da mesma substância do corpo da Igreja.

Não quero aqui discutir cada ponto particularmente, nem sobrecarregar seus ouvidos com uma porção de palavras e argumentos; não falarei da Eucaristia, na qual adoramos o real corpo de Cristo. Esses homens, conhecendo pouco como apresentar as razões e os argumentos em cada tipo de doutrina, por razões estranhas e heterodoxas, tiradas da dialética e de uma vã filosofia, trabalham para enclausurar o divino e espiritual poder do Deus do Universo, que é livre e ilimitado, dentro dos ângulos de uma natureza corporal, encerrada em seus próprios limites.

Não falarei da confissão de pecados aos padres, na qual a verdadeira humildade cristã, que é o principal fundamento da nossa salvação, foi demonstrada pela Escritura, exigida e ordenada pela Igreja. Essa humildade, eles se aplicaram a insultar por calúnias e a rejeitá-la por orgulho. Farei silêncio tanto no que concerne às orações dos santos diante de Deus por nós, como no que diz respeito às nossas orações pelos mortos, quando esses homens as desprezam e delas zombam, quando dizem que são absolutamente sem utilidade.

Em fim, o que eles querem para si? Pensam que suas almas perecem com seus corpos? É o que, certamente, parecem indicar. E fazem isso mais abertamente, quando trabalham para se libertar das leis da Igreja, para a liberdade de sua conduta e licenciosidade de suas paixões. De fato: "se nossa alma é mortal, comamos e bebamos, diz o apóstolo, porque amanhã morreremos". Se, ao contrário, ela é imortal, como certamente é, então vos pergunto: por que a morte do corpo produziu, de um golpe, tão grande separação, que as almas dos vivos e dos mortos não tenham mais nenhuma relação, nenhuma comunicação entre si; que elas tenham esquecido qualquer parentesco conosco e a humanidade que nos é comum? Sobretudo quando a caridade, que é o principal dom do Espírito Santo ao povo cristão, que é sempre abençoadora e frutífera, não permaneça inútil naquele que a possui, mas se mantenha sempre íntegra e eficaz nesta vida e na outra?

Mas, deixando essas controvérsias de lado, reservando-as para um tempo oportuno, examinemos nossa proposição anterior, a fim de ver e procurar um meio mais útil, mais direto, mais vantajoso de obter o favor

do Deus Altíssimo. É melhor ter os mesmos sentimentos da Igreja Universal, conformar-se com a fé em seus decretos, suas leis, seus sacramentos, ou concordar com esses homens que procuram divisões e coisas novas? Eis aí, meus amados irmãos, eis aí duas estradas contrárias; uma delas nos conduz à vida e a outra à morte eterna. Essa diferença diz respeito a cada um; trata-se da escolha da salvação de sua alma, da garantia da vida futura; é preciso saber se participaremos da eterna felicidade, ou de penas infinitas. Que diremos, então? Imaginemos dois homens que pertençam a um e a outro partido; tendo cada um deles seguido uma das duas estradas, agora encontram-se na presença do terrível tribunal do Supremo Juiz, para lhe dar conhecimento de suas causas, para que a sentença de condenação ou absolvição possa ser pronunciada com justiça. Alguém perguntará: eles são cristãos? Os dois responderão: nós somos! Eles têm crido sinceramente em Cristo? Eles responderão: certamente! Mas quando examinarmos o que eles têm crido e como têm crido - porque o exame da verdadeira fé precederá o exame da vida e comportamento - quando exigirmos deles a confissão da verdadeira fé, aquele que tiver sido ensinado no seio e na disciplina da Igreja, dirá: Para mim, após ter aprendido de meus pais, que por sua vez aprenderam de seus pais e de seus ancestrais, a obedecer, em todas as coisas, a Igreja Católica, a observar e a praticar suas leis, suas ordenanças, seus decretos, como se viessem mesmo de vós, Senhor Deus; tendo percebido que quase todos aqueles que traziam o nome de cristão, que tinham seguido vosso estandarte conosco, antes de nós, ao longe, em todo o Universo, têm e haviam tido o mesmo sentimento; que todos conheciam e veneravam esta Igreja Católica, como a mãe de sua fé, que viam como um sacrilégio descartar os seus preceitos e instituições, me apliquei em apegar-me a esta fé que a Igreja Católica observa e ensina. E, ainda que homens novos tenham vindo, os quais, com a boca e suas mãos cheias das Escrituras, se esforcem por apresentar coisas novas, estremecer as antigas, reprovar a Igreja, por tirar-nos, arrancar-nos da obediência que todos tínhamos para com ela, entretanto eu quis permanecer naquilo que já existia e nas coisas antigamente observadas e transmitidas na Igreja por meus ancestrais, pela unanimidade dos Pais santos e sábios. Ainda que, no tempo presente, os costumes de muitos prelados e autoridades da Igreja tenham sido tais que poderiam provocar minha indignação, contudo não mudaram o meu sentimento, porque firmei em meu coração, meu Deus, como ordenastes no vosso Evangelho, que devia obedecer os seus preceitos, que certamente eram santos, e que era necessário deixar que somente vós julgásseis suas vidas e ações, sobretudo quando, eu mesmo, estando sujo e infectado por tantos pecados, que agora se mostram em meu rosto, não seria digno de julgá-los. Por causa desses meus pecados, que agora estou diante do vosso Tribunal, implorando, não a severidade de sua justiça, Deus

clementíssimo, mas vossa misericórdia e piedade. É assim que o primeiro defenderá a sua causa.

O outro será citado e comparecerá. Será ordenado a falar. Esta será a introdução do seu discurso – porque suponho que seja um daqueles que tem sido causador de dissensões. Creio, com efeito, que defenderá melhor sua causa, este que tem se apresentado como doutor, para fazê-los abandonar a Igreja. Para mim, ó Grande Deus, ao ver, em quase todos os lugares, os costumes corrompidos das autoridades da Igreja e os padres, por causa da religião católica, não mais honrados que os outros, eu senti, com justa razão, uma ira tão grande inflamar-se em meu coração que deles me fiz seu inimigo. E como considere que eu mesmo, que por tantos anos me dei ao estudo das letras e da teologia, não encontrei na Igreja o lugar que o meu trabalho merecia e que, por outro lado, muitos homens indignos tinham sido elevados às honras e dignidades do sacerdócio, me pus, vos confesso, a perseguir esses homens que, tenho certeza, estão longe de vos bendizer. E como não podia jogar por terra sua autoridade, sem antes destruir as leis da Igreja, levei grande parte do povo a desprezar essas leis que, por tanto tempo, tinham sido, inviolavelmente, observadas. Se eram decretos de concílios universais, eu dizia que não devíamos nos submeter à autoridade dos concílios. Sobre as instituições dos antigos Pais e doutores da Igreja, os acusava de ignorantes e de inteligência insana; sobre os Pontífices romanos, afirmava que estes governavam com tirania e que falsamente se intitulavam vigários de Cristo. Em fim, esforcei-me, de todas as maneiras, por manter longe de nós esse jugo tirânico da Igreja, que de tempos em tempos ordena ao povo abster-se de alimento, que observa dias, que quer que confessemos nossos pecados aos padres; que nos ordena cumprir votos, que envolve os homens com tantas cadeias de servidão, os quais são livres, ó Cristo, em vós. Esforcei-me por fazer crer que somente a fé e não as boas obras, as quais são, principalmente, exaltadas e pregadas na Igreja, produzem em nós a justiça e a salvação. Pois, além de vós teres carregado nossas dores, e vosso sagrado sangue ter apagado os erros e crimes de todos, para que, nos apoiando unicamente sobre essa fé em vós, tivéssemos, em seguida, o poder de fazer mais livremente tudo o que nos desse prazer. Sondei as Escrituras de maneira mais refinada que os antigos Pais; então, sobretudo, procurei certas interpretações que lhes fossem contrárias. Essa interpretação que obtive por causa da minha ciência e genialidade valeu-me a estima e reputação diante dos povos; na verdade, não pude solapar totalmente a autoridade da Igreja, mas causei em seu seio, grandes sedições e divisões.

Falando assim, ele disse a verdade; porque não há como mentir diante do Juiz do Céu, escondendo em si mesmo muitas coisas que Ele bem conhece sobre sua ambição, sua avareza, sua paixão pela glória

popular, seus enganos, suas maldades interiores; e, no entanto, essas coisas aparecerão primeiramente escritas em sua frente; como pensais que serão julgados, não somente esses homens, como também seus companheiros e cúmplices, ó Genebrinos, meus irmãos, que gostaria de ter todos comigo, em Cristo e na Igreja de Cristo. Não é verdade que aquele que tinha seguido a Igreja Católica não estava errado? Primeiro porque a Igreja não se engana; pois não pode enganar-se aquela cujo Espírito Santo dirige em todo o tempo seus concílios e seus decretos públicos e universais; mesmo que ela se enganasse, ou tivesse se enganado - o que não podemos crer e dizer sem culpa - não reprovaríamos o erro de um homem que sincera e humildemente diante de Deus tivesse seguido a fé e a autoridade dos seus ancestrais. Mas, aquele outro que, como o seu chefe, não achando ninguém entre os santos e antigos Pais, nem mesmo entre as assembleias gerais de todos os bispos, e que pensa merecer a honra e obediência que é devida a estes, mas por ele atribuída a si mesmo, que é mais disposto a denegrir que aprender e ensinar, quando abandona a comunhão da Igreja, digam-me, em direção a que porto seus olhos se voltarão para lá depositar sua esperança? Que muralha, ele crê, lhe servirá de defesa? Quais são seus advogados diante de Deus, para que não tenha o medo terrível de ser jogado nas trevas exteriores, onde há choro e ranger de dentes e onde deverá chorar eternamente sua infelicidade e ranger os dentes contra si mesmo? Porque, quando podia ter evitado essa grande calamidade, não o fez por negligência. Ora, cada um pode por si mesmo compreender bem que cruéis e malignos companheiros terá na vida futura; sobretudo quando esse furor, esse gênero de maldade e dor jamais terão fim e limite e que lá não cessará jamais de lamentar-se e de irar-se.

Mas, supondo que haja algum outro meio de tolerar os demais atos desses homens, como podemos suportar (e nisso não me parece possível que obtenham junto a Deus ocasião de perdão e misericórdia) que tenham se esforçado para rasgar a única esposa de Cristo? Que a túnica do Senhor, que soldados ímpios não quiseram dividir, eles tenham ousado não somente dividi-la, mas fazê-la em pedaços! Com efeito, desde que começaram, quantas seitas já se separaram da Igreja, que não concordam com eles, nem entre si? Toda essa doutrina prova ser o indício manifesto da mentira; porque a verdade é sempre una; a mentira, ao contrário, variável e mutante; e o que é direito é simples, mas o que é oblíquo é diverso. Mas quanto a esta dilaceração da Igreja, não há nela nenhum homem que conheça e confesse a Cristo, um homem a quem o Espírito Santo tenha alguma vez iluminado o coração e a mente, que não possa compreender que isso é obra de Satanás e não de Deus? Qual é o mandamento de Deus? Qual é o ensino de Cristo? Certamente é que nEle todos sejamos um. Por que nos foi dada do céu e de Deus esta insígnia, este excelente bem da caridade, a qual é divinamente derramada somente

sobre o povo cristão e não em outras nações? Não é para que todos confessemos o Senhor, com um só coração e uma só boca? Pensam esses homens que a religião cristã possa ser outra coisa, senão a paz com Deus e a concórdia entre os homens? Vejamos o que o Senhor mesmo diz no Evangelho de São João, quando ora a Deus por seus discípulos: “Pai santo, conservei em vosso nome aqueles que me destes, a fim de que sejam um como nós. Não oro somente por estes, mas também por aqueles que haverão de crer em mim por causa de vossas palavras; que sejam todos um, como sois em mim, meu Pai, e como sou em ti; que eles sejam um em nós, a fim de que o mundo creia que me enviastes. Eu lhes revelei a glória que me destes, a fim de que sejam um, eu neles e vós em mim, a fim de que todos sejam um”. Vós podeis ver, caros irmãos, podeis discernir à luz do Evangelho o que verdadeiramente significa ser cristão; pois nossa fé em Deus, pois toda a glória de Deus e aquela que podemos ter dele, e aquela que podemos ter diante dele, consiste somente nessa unidade entre nós, porque Cristo não nos pede nada mais além disso; porque Ele não pensa em retirar nenhum fruto de seu labor, de seus sofrimentos, da fragilidade do corpo humano que assumiu por nós, de sua cruz, de sua morte para a nossa salvação, pela qual iria morrer, que não seja a nossa união, isto é, que sejamos um entre nós e nEle mesmo, para a glória de seu Pai, a qual ele procurava antes de tudo. Ora, é nesse sentido que, sem cessar, a Igreja Católica trabalha e se esforça, para a comunhão dos nossos sentimentos e nossa unidade no mesmo Espírito. Para que os homens, não podendo todos unir-se em um só corpo, porque estão separados pela distância ou pelo tempo, possam ser vivificados e governados por um Espírito, que é sempre o mesmo em todo lugar.

No entanto, é desse Santo Espírito e dessa Igreja Católica que eles se declaram abertamente adversários, esses homens que se esforçam por romper a unidade, por dividir os espíritos, por dissolver a unidade de sentimentos, por destruir a concórdia na religião cristã; e isso com tanta paixão, com tanto ardor, com tantas maquinações e artifícios, que nenhum discurso poderia dignamente exprimir sua entrega e ansiedade. Certamente não vou usar de imprecações contra eles, nem pedir ao Senhor que extermine todos esses lábios enganosos, todas essas línguas arrogantes e nem acrescentar iniquidade sobre a sua iniquidade, mas suplicaria ao Senhor, meu Deus, como suplico, que os converta e os traga a um bom espírito.

E vós também, Genebrinos, meus irmãos, vos rogo e aconselho a que expulseis dos olhos de vossas almas as nuvens do erro; levanteis os vossos olhos para a claridade da luz do céu, o qual Deus vos propôs por pátria eterna, se permanecerdes na unidade da Igreja, não recusando a

reconciliação conosco, fazendo ato de fiel obediência à Igreja Católica, nossa mãe; adoreis a Deus em um só espírito conosco e se, por acaso, nossos costumes vos desagradam, se pelos erros de alguns, este esplendor da Igreja, que deve ser perpétuo e sem mancha, foi obscurecido, não desvieis vossos corações por causa disso, ou não vos deixeis enlaçar por outro partido, um partido contrário.

Vós podeis, talvez, odiar-nos, se o Evangelho vos permitir; mas não deveis, certamente, ter ódio contra a doutrina e a fé, porque está escrito: "Fazei o que dizem". No que diz respeito a nós, não vos dizemos outra coisa, a não ser mostrar o desejo que temos de que sejais salvos. Se considerardes em boa medida, Genebrinos muito amados, se me escutardes com atenção, a mim que tenho por vós a maior afeição, certamente não vos arrependeréis por haverdes recuperado vosso antigo fervor diante de Deus e vossa glória diante dos homens. Quanto a mim, como me permite meu dever e minha boa vontade, não cessarei de orar a Deus por vós; na verdade, sou indigno, por causa dos meus pecados, mas talvez a caridade me torne digno em fazê-lo.

De resto, tudo o que valho, tudo o que posso – o que, aliás, é pouco – mas, em fim, se há em mim algum entendimento, alguma prudência, alguma autoridade, alguma diligência, ponho inteiramente a vossa disposição e a vosso serviço, o que verei como grande bem, se puderdes reter alguma utilidade, algum lucro dos meus cuidados e do que vos escrevo, tanto nas coisas divinas como nas humanas. Finalmente, vos rogo que recebais com afabilidade e benevolência - as quais vossa humanidade pede e requer, como também o direito das pessoas e, sobretudo, a piedade cristã - o mensageiro que vos enviei para vos entregar esta carta, o que será para vós motivo de honra e para mim um notável prazer. Deus vos conduza irmãos muito amados, vos seja propício e vos guarde.

Carpentras, 15 de abril de 1539.

**ORE PARA QUE O ESPÍRITO SANTO USE ESSE
SERMÃO PARA EDIFICAÇÃO DE MUITOS E SALVAÇÃO DE
PECADORES.**

FONTE:

Tradução: Paulo Sergio Athayde Ribeiro

Revisão: Armando Marcos

Capa: Ranieri Menezes

Publicação

Projeto Castelo Forte

www.projetocasteloforte.com.br

<https://www.facebook.com/ProjetoCasteloForte>

Você tem permissão de livre uso desse material, e é incentivado a distribuí-lo, desde que sem alteração do conteúdo, em parte ou em todo, em qualquer formato: em blogs e sites, ou distribuidores, pede-se somente que cite o site “Projeto Castelo Forte” como fonte, bem como o link do site www.projetocasteloforte.com.br. Caso você tenha encontrado esse arquivo em sites de downloads de livros, não se preocupe se é legal ou ilegal, nosso material é para livre uso para divulgação de Cristo e do Evangelho, por qualquer meio adquirido, exceto por venda. É vedada a venda desse material